

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**Adolescentes preocupadas em conquistar um corpo magro: Um estudo  
sobre discursos produzidos em diários eletrônicos**

Maria Elisa Magalhães Albuquerque Souto Ribeiro

Natal

2006

Maria Elisa Magalhães Albuquerque Souto Ribeiro

**Adolescentes preocupadas em conquistar um corpo magro: Um estudo  
sobre discursos produzidos em diários eletrônicos**

Dissertação de mestrado  
elaborada sob a orientação da  
Profa. Dra. Martha Traverso-  
Yépez e apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia  
da Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte, como requisito  
para obtenção do título de Mestre  
em Psicologia.

Natal  
2006

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Ribeiro, Maria Elisa Magalhães Albuquerque Souto.

Adolescentes preocupadas em conquistar um corpo magro : um estudo sobre discursos produzidos em diários eletrônicos / Maria Elisa Magalhães Albuquerque Souto Ribeiro. - Natal,RN, 2006.

113 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Martha Traverso-Yépez.

Monografia (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Psicologia.

1. Psicologia social – Dissertação. 2. Adolescentes – Corpo – Dissertação. 3. Blogs – Dissertação. I. Traverso-Yépez, Martha. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 316.6(043.3)

À família Magalhães  
Albuquerque Souto  
com quem aprendi  
desde muito pequena a  
expressar as minhas  
emoções e os meus  
sentimentos também  
através do corpo.

## **Agradecimentos**

A Deus, pela luz e força para enfrentar todos os obstáculos.

À minha orientadora, Martha Traverso-Yèpez, pela forma com que me acolheu num momento em que dúvidas e lacunas teóricas me inquietavam, e pela seriedade com que encarou esta empreitada.

À professora Elza Dutra, pelo carinho e pelas discussões teórico-metodológicas que me enriqueceram.

À Cilene, pela disponibilidade em ajudar, pelas palavras iluminadas e pela contínua torcida.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pelas discussões instigantes durante esses anos.

Ao CNPq, por ter viabilizado minhas pesquisas desde a época da graduação.

À minha ex-orientadora de Iniciação Científica e amiga, Suerde, que sempre foi modelo de determinação, garra e competência.

Aos meus pais, Benjamim e Áurea, pelo eterno incentivo, pelo amor incondicional. A nossa mudança de vida de Campina Grande para Natal é prova de que vocês estiveram de corpo e alma comigo desde o início deste trabalho! Nossos momentos de diálogo, orações e vibrações positivas me ajudaram a seguir esta caminhada de modo mais tranquilo.

À minha querida irmã Viviane, pela cumplicidade, pelo interesse, pela escuta afinada, pela energia positiva, pelas trocas de idéias e experiências de vida e pelas gargalhadas, as quais, muitas vezes, aliviaram os estresses e as preocupações.

Ao meu esposo, Fábio, pelo amor, pelas incontáveis vezes em que soube ouvir minhas ansiedades; pelas palavras e críticas sensatas, pela disponibilidade em distanciar-se um pouco do pensamento lógico e racionalista intrínseco às ciências exatas, objetivando compreender melhor o universo “Psi”; e pelo exemplo de determinação e vitória. Sua presença e suas palavras foram, inúmeras vezes, terapêuticas.

À minha mais nova família: Sr.Ordônio, D.Rosália, Fabíola, Eduardo e João Filipe, pelo carinho, pela preocupação e pela boa vontade em ajudar-me quando preciso.

À Karina, com todos os seus atributos de verdadeira amiga: companheira, sincera e fiel. Desde os primeiros contatos se mostrou disposta a me acolher. Dividimos questionamentos teórico-metodológicos, ansiedades, conquistas e sorrisos. Ela foi um dos grandes presentes que ganhei ao morar em Natal. Nossos telefonemas e encontros me ajudaram a seguir este percurso de modo mais prazeroso.

À minha amiga e anjo da guarda, Joana, cujas palavras chegam na hora certa. A distância física parece que só fortaleceu nossa amizade. Não houve um dia sequer em que deixei de ter notícias dela, nem tampouco receber apoio.

Às minhas amigas: Ananda, Kalígia, Tatiana e Viviane, pelas horas de companheirismo, descontração e lazer. Elas tornaram minha estada em Natal mais alegre.

## RESUMO

As preocupações que dizem respeito a uma boa condição corporal estão presentes no dia-a-dia, em documentários sobre saúde, nos meios de comunicação, nas academias, nos salões de beleza e na medicina estética. No mundo ocidental, vivencia-se a “onda do corpo”, caracterizada pelos grandes investimentos em torno do aspecto corporal. O que nem sempre é levado em consideração é que paralelamente a esse fenômeno, cresce o número de adolescentes, majoritariamente do sexo feminino, com problemas relacionados à imagem corporal. Como a fase da adolescência compreende uma série de transformações, inclusive de auto-afirmação e aceitação dos outros, os adolescentes, muitas vezes negligenciam na alimentação e procuram ‘construir’ seus corpos à imagem de modelos e atrizes/atores. A baixa auto-estima entre eles é um problema adicional relacionado com essa reificação do corpo idealizado. Apesar disso, é uma temática pouco estudada em nosso país no campo da psicologia. O presente estudo objetivou analisar os discursos, relativos ao corpo, produzidos nos diários eletrônicos (*blogs*) de adolescentes preocupadas com a magreza. A seleção dos dados foi realizada através do site [www.blogs.com.br](http://www.blogs.com.br), o qual é considerado o maior guia de *blogs* do Brasil. Depois foram selecionados diários nos quais constavam a palavra-chave **corpo**. Em seguida, foram arrolados especificamente os constituídos por discursos de adolescentes do sexo feminino, na faixa etária entre 10-19 anos que expressassem preocupação em ter ou manter um corpo magro. Coletaram-se três *blogs* levando-se em consideração o critério de exemplaridade, uma vez que a pesquisa de abordagem social qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. Eleveu-se como método de análise de dados a perspectiva de Análise de Discurso citada por Gill (2002). A análise dos discursos evidenciou que as adolescentes mostram-se insatisfeitas com seus corpos, buscando incessantemente a magreza – apresentada como paradigma estético das sociedades ocidentais -, o que muitas vezes implica em negligenciar a própria saúde, seja usando inibidores de apetite, seja realizando dietas restritivas, seja provocando vômitos após a ingestão de alimentos, ou seja praticando jejuns periódicos. Esses comportamentos, juntamente com o medo intenso de ganharem peso estão vinculados a transtornos alimentares, intimamente relacionados à questão do corpo, da imagem corporal. Tais comportamentos são ocultados de familiares, colegas e amigos que não os possuem, pois não são habitualmente aceitos. Diante disso, as adolescentes passam a procurar grupos com quem se identificam no mundo virtual da internet, podendo assim, compartilhar pontos de vista parecidos, de maneira que se sintam acolhidas e não tenham suas auto-estimas abaladas. Assim, os *blogs* parecem funcionar como instrumento facilitador para a reafirmação de valores compartilhados entre as adolescentes, acerca do corpo e da saúde. É necessário que profissionais da saúde estejam a par do que se passa nos meios de comunicação, especialmente na internet, onde opiniões e concepções são rapidamente divulgadas. Tendo em vista que tais informações tendem a contribuir para a construção de discursos e práticas, particularmente dos adolescentes, levando esses profissionais, portanto, a estar mais próximos do público/cliente que poderão vir a atender.

Palavras-chave: corpo, *blogs*, adolescentes.

## **ABSTRACT**

The concern about a good physical condition is heavily present nowadays, in documentary films about health and in the media, and it is also expressed through the outstanding growth of physical academies, beauty institutes and aesthetic medicine and all kind of aesthetic surgeries. In the western world “the body wave” is a significant trend, characterized by the great investments in body image. However, what is overlooked is the fact that in parallel trend grows the number of teenagers, especially females, with all kind of problems related to their body image. As adolescence is a moment of transformations, teenagers tend to be more aware of their body image and often neglect food ingestion and try to “build” their bodies following the images they have from top models and movie stars. The low self-esteem accompanying this sort of experience is an additional problem. Therefore the research aim to analyze discourses regarding the body image produced in world wide web diaries (blogs). The blogs’ selection was made through the site [www.blogs.com.br](http://www.blogs.com.br), which is considered the widest guide of electronic diaries in Brazil. We looked after blogs including the keyword “body” and from adolescents aged 10 to 19, who showed concern about a slim body. Three blogs were chosen, considering the example criteria. Discourse analysis shows that these teenagers feel unsatisfied with their bodies, searching by all means the thinness – presented as a aesthetic paradigm in western societies – which often implies neglecting their own health, using appetite inhibitor drugs, restricting or totally abstaining food ingestion for long periods of time, or provoking themselves vomits after ingesting food. These behaviors, together with intense fear of gaining weight, can be characterized as alimentary disorders, related to the body image. As they usually hide this sort of behaviors from family and friends who do not share this concern, the blogs seem to be an easy tool for adolescents to find peers with whom to share common values and ideas and reaffirm their identities and virtual sense of community.

Key words: body, blogs, teenagers



## Sumário

|                                                                                     |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| RESUMO.....                                                                         | ix         |
| ABSTRACT.....                                                                       | x          |
| <b>1. Introdução.....</b>                                                           | <b>11</b>  |
| <b>2. Relações entre corpo, saúde e estética.....</b>                               | <b>18</b>  |
| <b>3. O corpo e as relações de gênero.....</b>                                      | <b>31</b>  |
| 3.1. Os meios de comunicação e a visão naturalista das relações de gênero....       | 38         |
| <b>4. Considerações sobre a adolescência.....</b>                                   | <b>42</b>  |
| 4.1. Contribuições da psicologia para as concepções de adolescência.....            | 42         |
| 4.2. Os adolescentes e as relações com seus corpos.....                             | 48         |
| 4.3. O papel dos meios de comunicação como influenciadores<br>dos adolescentes..... | 51         |
| 4.3.1. <i>Destacando os blogs e o Orkut</i> .....                                   | 56         |
| <b>5. Sobre o percurso metodológico.....</b>                                        | <b>61</b>  |
| 5.1. Instrumento e procedimento para a coleta de dados.....                         | 63         |
| 5.2. Procedimento para a análise dos dados.....                                     | 65         |
| <b>6. Discursos de adolescentes preocupadas em conquistar um corpo magro...70</b>   | <b>70</b>  |
| 6.1. Como as adolescentes se apresentam.....                                        | 70         |
| 6.2. Os fragmentos de <i>blogs</i> .....                                            | 72         |
| 6.3. Analisando os fragmentos de <i>blogs</i> .....                                 | 74         |
| 6.3.1. <i>A conquista de um corpo magro em detrimento da saúde</i> .....            | 74         |
| 6.3.2. <i>As intenções dos discursos das adolescentes</i> .....                     | 78         |
| 6.3.3. <i>Os contrastes entram em cena</i> .....                                    | 81         |
| 6.3.4. <i>As diferentes maneiras de se convencer os “blogueiros”</i> .....          | 83         |
| 6.3.5. <i>Comentários “postados” por outros “blogueiros”</i> .....                  | 86         |
| <b>7. Considerações finais.....</b>                                                 | <b>91</b>  |
| <b>8. Referências bibliográficas.....</b>                                           | <b>96</b>  |
| <b>9. Anexos.....</b>                                                               | <b>104</b> |

## Introdução

No cotidiano do mundo atual, as preocupações que dizem respeito à imagem corporal se fazem presentes de diversas formas. Os documentários sobre saúde na mídia, o crescente número de academias de ginástica e salões de beleza e os grandes avanços nas pesquisas e propagandas da medicina estética são algumas dessas formas. No mundo ocidental capitalista vivencia-se a “onda do corpo”, caracterizada pelos grandes investimentos em torno do aspecto corporal. Trata-se, como comenta Porpino (1997), de uma tendência da atualidade em se preocupar demasiadamente com o corpo, haja vista a proliferação das novas terapias corporais, dos espaços destinados à prática das atividades físicas e da vasta literatura produzida sobre esse assunto.

Enfatiza-se que tal preocupação atinge, sobretudo as mulheres, pois, como menciona Serra (2001):

o corpo da mulher transmuta-se em poder circulatório de signos e modelos que se universaliza com o mercado capitalista de consumo, vemos o corpo da mulher como fetiche a serviço da lei de mercado. A mulher passa a ser treinada para reproduzir o *modus vivendi* contemporâneo. Ela deve comer o que todos comem, usar as roupas que todos usam, ter o mesmo corpo que todos possuem (p.56).

Nesse sentido, o ideal de corpo magro e esbelto, preconizado pela sociedade atual e veiculado pelos meios de comunicação, vem levando muitas mulheres,

principalmente na faixa da adolescência, a uma constante insatisfação com seus corpos. O que nem sempre é considerado é que a grande maioria não tem e, provavelmente, nunca terá a silhueta das mulheres que aparecem na mídia, apresentadas como paradigmas estéticos das sociedades ocidentais, devido inclusive a fatores genéticos (Buckroyd, 2000).

Diante desse ideal, algumas mulheres chegam a realizar exercícios físicos extenuantes e/ou dietas altamente restritivas. Buckroyd (2000) e Andrade e Bosi (2003) salientam que a privação de alimentos a longo prazo tende a levar ao abandono da dieta – que é o que comumente acontece – ou ao estabelecimento de um ciclo de excesso/dieta de fome que pode contribuir para o desenvolvimento da anorexia e/ou da bulimia, distúrbios alimentares<sup>1</sup> intimamente relacionados à questão do corpo, da imagem corporal.

É compreensível que esses transtornos se desenvolvam com maior frequência em adolescentes, tendo em vista que elas vivenciam uma fase de transformações biológicas e psicológicas, bem como uma necessidade de auto-afirmação (Dias, 2000). Assim, para se aceitarem melhor, muitas vezes, passam a negligenciar a alimentação, buscando construir seus corpos à imagem de manequins e atrizes veiculadas nos meios de comunicação.

Todavia, o que nem sempre é levado em consideração é que o conteúdo do discurso dos meios de comunicação, embora seja informativo, pode ser ambíguo e capcioso. Como Serra e Santos (2003) destacam:

O discurso midiático se transveste como síntese de discursos científicos, mas apenas generalizante e os reelabora de forma descontextualizada e destituída de sua identidade. A informação, no caso, não representa necessariamente a

---

<sup>1</sup> Salienta-se que de acordo com a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 (1993), existem outros transtornos alimentares além da anorexia e da bulimia. Todavia, são essas duas síndromes mais frequentes e, portanto, melhor definidas na literatura.

“verdade”, nem sempre é educativa e formadora [...] O fato de ser informativo não significa que seja adequado, científico, saudável (p.701).

De acordo com Medrado (2000), a mídia introduziu transformações consideráveis nas formas como as pessoas produzem sentidos sobre fenômenos sociais e como se posicionam frente a eles. Para o referido autor, a reconceitualização do termo *interação* proposta por Thompson (1995a; 1995b) pode nos ajudar a compreender tais transformações. Thompson sugere pelo menos três modalidades de interação que caracterizam o cotidiano contemporâneo: a interação *face-a-face*, a interação *mediada* e a interação *quase mediada*.

No presente estudo será realçada principalmente a interação *quase mediada*, a qual diz respeito às relações sociais produzidas com o advento da comunicação de massa. O princípio norteador desse tipo de interação é a troca de informação não direta entre os participantes, havendo dessa forma, expressiva lacuna temporal entre a emissão e a recepção – é o que ocorre em livros, jornais, televisão, *sites* e *blogs* na internet.

O *blog* é uma página *web* atualizada com frequência, comumente de autoria desconhecida e composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. É como um jornal ou uma página de notícias que segue uma linha de tempo, com um fato após o outro. O conteúdo e o tema dos *blogs* abrangem uma infinidade de assuntos que vão desde idéias, fotografias, notícias, poesia, *links*, piadas, enfim, tudo que a imaginação do autor permitir. Destaca-se que são cada vez mais comuns *blogs*<sup>2</sup> que informam e estimulam formas extremas de se emagrecer.

Nesses *blogs*, a anorexia, que atinge de 0,5 a 1% a população adolescente, e a bulimia, que afeta de 1 a 4% dos adolescentes (DSM-IV), são apresentadas como estilo/opção de vida, ignorando que podem desencadear problemas sérios de saúde, a

---

<sup>2</sup> Será exposto um exemplo de *blog* nos anexos.

exemplo de: insuficiência e parada cardíaca, diabetes, diminuição da defesa do organismo, entre outros.

Segundo Recuero (2005), tais *blogs*, denominados pró-Ana e pró-Mia<sup>3</sup>, possibilitam que adolescentes interajam e cooperem uns com os outros, a fim de fortalecerem a prática da anorexia e da bulimia.

Além disso, a interação não existe apenas nos blogs, embora estes sejam utilizados como um centro de interação importante, porque permitem que os adolescentes permaneçam anônimos e que todos possam ler-se uns aos outros e comentarem, aumentando o suporte e os laços sociais. Muitas vezes a interação do grupo migra para outros sistemas, como as comunidades virtuais (Orkut, Multiply etc), os sistemas de mensagens (como o MSN ou o ICQ) e mesmo cartas (embora muito mais raramente) (p.5).

Com relação aos *sites*, eles oferecem uma série de dicas, elencadas por Kostman<sup>4</sup> em uma matéria de revista brasileira, de publicação semanal:

Nunca diga aos seus pais que você se acha gorda ou feia. Diga que vai almoçar com amigas ou na lanchonete da escola. Peça dinheiro e guarde para coisas mais importantes do que comer. Se seus pais insistirem para você comer, leve o prato para o quarto e jogue a comida em um saco plástico e depois no lixo. Para despistar, coloque embalagens de bala, chocolate ou salgadinhos em pontos estratégicos da casa. Guarde laxantes e remédios para emagrecer em um lugar bem escondido, como em bolso de roupas que você não usa (p.92).

Após a realização de leituras sobre tais *sites* e *blogs*, interessei-me em pesquisar o que estava sendo veiculado em *blogs* de adolescentes preocupadas em obter ou manter um corpo magro, tendo em vista que esses diários constituem espaços de troca de opiniões e idéias, tendendo, portanto, a influenciar no discurso e nas práticas sociais dos adolescentes acerca do corpo.

Vale ressaltar, que meu interesse com relação à temática do corpo não é recente. Iniciou-se a partir da minha primeira dieta de emagrecimento quando adolescente.

---

<sup>3</sup> “Ana” e “Mia” são os apelidos carinhosos que os adolescentes utilizam para se referirem à anorexia e à bulimia.

<sup>4</sup> Revista Veja, 11 de fevereiro de 2004.

Leituras, bem como programas televisivos referentes à nutrição, saúde e estética tornaram-se uma constante em minha vida.

Com o passar dos anos, comecei a enveredar pela temática no campo da ciência. Pesquisas na área da psicologia, na qual atuo, se tornaram frustrantes, pois são escassas as publicações desse tipo, em especial no Brasil.

Assim, recorri a pesquisas em outras áreas, a exemplo da psiquiatria e da antropologia. O que tem me possibilitado uma compreensão sobre o corpo numa perspectiva interdisciplinar.

Considerando tal perspectiva, observa-se que a forma das pessoas lidarem com seus corpos não é universalmente igual nem tampouco constante, mas sim, uma construção social, resultante de um processo histórico. Pois, na medida em que as pessoas modificam e são modificadas pelo contexto social onde estão inseridas, também passam a conceber e a lidar com o corpo sob influência desse contexto. Assim, de acordo com Gonçalves (2002):

o corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela não somente sua singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma unidade. Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social (p.13-14).

Atualmente, algumas abordagens psicológicas no Brasil ainda se mostram influenciadas pelo paradigma cartesiano, o qual concebe o corpo e a mente como entidades separadas. Assim, somadas as inquietações pessoais à necessidade de compreender e aprofundar os discursos de adolescentes voltados para a questão do corpo, tem-se como propósito ampliar os estudos dessa temática por meio da análise de “*blogs*”.

Considerando que os discursos constituem ações ou práticas sociais, relaciona-se os discursos produzidos por adolescentes sobre o corpo às suas auto-imagens e à forma como lidam com sua saúde. Dessa forma, atentar para os discursos produzidos por essas adolescentes pode ajudar em possíveis intervenções, especialmente no campo da saúde.

Debates e pesquisas sobre os meios de comunicação e os produtos por eles veiculados são profícuos na medida em que geram reflexões sobre as temáticas e as respectivas linguagens neles propagadas. Nesse sentido, enfatiza-se a importância de o profissional de saúde estar a par do que se passa nos meios de comunicação, particularmente no que se refere aos adolescentes, para estar mais próximo do público/cliente a quem atende (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2002).

Com relação à questão que norteou a presente pesquisa, aponta-se: como são os discursos, relativos ao corpo, das adolescentes preocupadas em ter ou manter um corpo magro? Tal questão contribuiu diretamente para a construção do seguinte objetivo: analisar os discursos, relativos ao corpo, produzidos nos *blogs* de adolescentes preocupadas com a magreza.

A estrutura da pesquisa foi organizada de modo a abordar inicialmente, no capítulo 2, uma sucinta discussão acerca das relações entre corpo, saúde e estética em períodos distintos da história, ressaltando-se que tal discussão concentra-se principalmente nos dias atuais.

No capítulo seguinte, discorre-se sobre o corpo e as relações de gênero, realizando-se um breve ensaio sobre as relações de gênero e o “corpo” feminino, bem como uma discussão acerca da visão naturalista das relações de gênero pelos meios de comunicação.

No capítulo 4, são tecidas considerações sobre a adolescência, focalizando as contribuições da psicologia para as concepções de adolescência; os adolescentes e as

relações com seus corpos e o papel dos meios de comunicação como influenciadores dos adolescentes.

Em seguida, apresenta-se o percurso metodológico onde são explicitados o instrumento e o procedimento de coleta de dados, assim como os procedimentos para a análise destes.

No capítulo 6, os dados são apresentados e discutidos, levando-se em consideração as questões de pesquisa. Também é realizada uma articulação dos resultados com o referencial teórico que fundamentou este estudo.

E no capítulo 7 são tecidas as considerações finais, onde estão sinalizados aspectos relevantes encontrados na pesquisa, assim como sugestões para trabalhos futuros.



## **2. Relações entre corpo, saúde e estética**

Considerando que as pessoas mantêm uma constante relação com o contexto sócio-histórico em que vivem, influenciando-o e sendo influenciadas por ele, aponta-se que a forma como elas lidam com os fenômenos sociais está intrinsecamente relacionada a tal contexto. Diante disso, verifica-se que as concepções e práticas relativas ao corpo variam conforme o momento histórico e também no tocante aos gêneros, as idades, as religiões, as profissões, as classes sociais e a outros fatores socioculturais. Assim, numa mesma época e numa mesma sociedade podem coexistir distintas concepções e práticas corporais.

Ressalta-se também que o movimento da história é paradoxal, uma vez que “acolhe, simultaneamente, rupturas e continuidades, a partir das quais os modelos corporais, os valores e as utilizações do corpo se transformam, mas também guardam o registro de sensibilidades vindas de épocas diferentes” (Sant’Anna, 2001, p.13).

No presente capítulo será desenvolvida uma breve discussão a respeito do corpo e sua relação com a saúde, com a estética e com as condições sócio-econômico-culturais em alguns períodos históricos, enfatizando-se que essa discussão concentra-se principalmente nos dias atuais.

Retrocedendo à Antiguidade Clássica, aproximadamente 400a.C, observa-se que a natureza constituía uma referência essencial ao conhecimento e ao cuidado dos corpos. Assim, o corpo saudável deveria estar em harmonia com o meio ambiente, pois a saúde vinculava-se a vários aspectos externos, como as características das estações do ano e as variações do clima. Além disso, quando as pessoas adoeciam procuravam a cura na natureza por acreditarem que ela oferecia alimentos e ervas específicos para cada doença (Sant'Anna, 2001).

De acordo com a referida autora, naquela época,

o controle do corpo exigia muito mais o esforço em mantê-lo harmoniosamente relacionado com o meio ambiente e o cosmo do que a sua liberação em relação às forças naturais. Na medicina hipocrática, por exemplo, diversas correspondências entre o corpo e a natureza direcionavam o diagnóstico. Nele, o paciente deveria fornecer ao médico uma série de detalhes sobre sua vida pessoal, incluindo o regime alimentar, a qualidade do sono e das tarefas cotidianas. Estas informações eram contempladas pelo médico à luz das características cosmológicas típicas do cotidiano do paciente (p.6).

Dessa forma, diferente dos dias atuais, não era atribuída exatamente ao médico a função da cura. A ele cabia tão somente ajudar a natureza a fazer aquilo que lhe convinha.

Para as classes mais abastadas, saúde, estética e interesses políticos estavam intimamente relacionados ao corpo. Assim, nas civilizações grega e romana da Antiguidade existiam regras para evitar os excessos - que significavam a falta de controle do indivíduo sobre si mesmo -, sendo importante o uso comedido de prazeres, tais como: sexo, bebida e comida (Cidade do Conhecimento - USP, 2005).

Além dessa necessidade de evitar excessos para manter a saúde e a beleza, a prática do exercício físico também era altamente valorizada, porém essa educação corporal estava vinculada à preparação para a guerra entre Atenas e Esparta. Nesse

sentido, era preciso cultivar o corpo a fim de torná-lo apto e resistente para lutar em época de guerras.

Ao contrário dos corpos masculinos, os quais eram cultivados para o combate, e, portanto, exibidos na esfera pública, os corpos femininos ficavam restritos ao âmbito do privado, uma vez que cabia às mulheres ficarem em seus lares cuidando dos filhos e realizando atividades domésticas (Carvalho, 2001).

Ao passo em que os cidadãos mostravam-se capazes de cuidar de si, evitando excessos, se alimentando de modo saudável e praticando exercícios físicos, eram também vistos como capazes de cuidar bem da vida pública. “Ser capaz de cuidar bem do corpo e da mente era condição para cuidar bem dos assuntos da ‘polis’” (Kehl, 2005, p.2).

Ao adentrar-se no Período Medieval, especificamente na Baixa Idade Média, percebe-se que são estabelecidas algumas concepções de corpo diferentes das apresentadas na Antigüidade Clássica, destacando-se, porém, que a idéia do corpo feminino como passivo e submetido ao destino da reprodução perpassa não só a Antigüidade Clássica como também o Período Medieval.

Rodrigues (1999) faz um convite ao leitor para viajar na Baixa Idade Média, apresentando hábitos, costumes e crenças relativos ao corpo. Nessa época, segundo ele, havia grande liberdade de expressão através dos corpos, pois

(...) Tudo era público ou publicável... o comer, o excretar, o copular, o dormir, o parir, o vestir, o banhar, o morrer (...) Especialmente em segmentos populares, o contexto corporal era ilustrado por abraços freqüentes, por contatos próximos, por gestos destemidos, não existindo a idéia de privacidade do corpo (p.84).

Os toques corporais eram freqüentes, havia liberdade verbal e descontração, não havendo disciplina quanto ao corpo e à postura corporal, sendo tais costumes extensivos a todos.

Além disso, corpo e mente eram concebidos como entidade única: o corpo se fundia em matéria e espírito, de modo que o que ofendesse a matéria ofenderia o espírito ou vice-versa.

Diferente da Antiguidade Clássica, nesse período as preocupações individuais com o corpo não eram tão acentuadas. Não havia, por exemplo, o cuidado em seguir dietas e rotinas de exercícios físicos, provavelmente porque, devido à religiosidade, o milagre e a vontade divina passaram a se sobrepor aos esforços individuais. Tanto a Igreja católica, como a astrologia, a feitiçaria, as curas mágicas e as adivinhações se tornaram mais importantes do que as condutas e regras individuais no que se refere aos cuidados com o corpo.

Já no século XVII, idéias de estudiosos como René Descartes (1596-1650) emergem e questionam o conhecimento através da fé. Descartes, fundador da filosofia dos tempos modernos, proclamou a razão, própria do homem, como a única fonte do conhecimento e fundamento da existência real. Segundo ele, o ser humano deve ser visto como ser pensante e possuidor de um corpo, o qual necessita ser controlado e disciplinado em favor do intelecto (Porpino, 1997; Kahhale, Peixoto & Gonçalves, 2002).

A partir desse novo período (Idade Moderna), a instituição religiosa católica tem seu poder de organizar, comandar e dominar o mundo diminuído. Há uma nova visão no mundo deslocada de Deus e focalizada para o homem. As relações Deus-homem – antes enfatizadas pelo teocentrismo medieval – são substituídas pelas relações de dominação entre o homem e a natureza, passando-se assim a valorizar a capacidade do homem de conhecer e transformar a realidade conforme suas necessidades (Kahhale, Peixoto & Gonçalves, 2002).

No final do século XVIII, na maior parte do continente europeu, o topo da pirâmide social - clero, nobreza, profissionais liberais e burgueses - havia se distanciado quase completamente dos costumes “vulgares”, a fim de se distinguir das classes menos abastadas. Passaram a adotar medidas mais “polidas” e estilos mais auto-conscientes de comportamento, cultivando o autocontrole, bem como posturas corporais mais estudadas e artificiais.

Além disso, as classes mais abastadas passam a viver de forma mais privativa, pois, de acordo com Rodrigues (1999), até então:

Não se repartiam nem as atividades nem as pessoas segundo áreas especializadas do espaço doméstico: nada de um lugar particular para o dormir, menos ainda para o sono privado; nenhum lugar específico para o comer, nem para a alimentação de determinadas pessoas individualizadas; não havia lugares destinados exclusivamente para trabalhar, receber visitas, ter relações sexuais, pensar (p.105).

Todas essas mudanças, segundo o autor supracitado, emergiram paralelamente aos momentos críticos de formação do sistema capitalista, que por sua vez, passou a ver a força muscular, a energia e a resistência do trabalhador como objetos de exploração. O corpo passou a ser oprimido, manipulável, enfim, um instrumento para a expansão do capital.

Destaca-se que é nesse cenário que as mulheres das classes menos abastadas começam a desempenhar atividades além das restritas à esfera privada dos seus lares. São convocadas para trabalharem nas indústrias, um fator decisivo na construção de suas histórias, ultrapassando os limites da casa e da família. Pois, como comenta Toscano (1998):

Desde as civilizações mais antigas até as primeiras conquistas da chamada Revolução Industrial, a história da humanidade tem sido a história de personagens masculinos, sejam eles guerreiros, sacerdotes, heróis ou artistas: os faraós do Egito, os deuses da mitologia grega, os profetas da fé mosaica e islâmica, os evangelistas que disseminaram o culto cristão, os imperadores da

China, os samurais do Japão, sem exclusão foram todos personagens homens (p.97).

Mais adiante, em meados do século XIX, sob influência das idéias cartesianas e do capitalismo, crescem e se desenvolvem as ciências médicas, as quais passam a ditar regras e normas quanto ao corpo e à saúde humana (Marks, Murray, Evans & Willig, 2000).

Dessa maneira, na medida em que o capitalismo encara os corpos como produtores, que tendem a ser funcionais e simbolicamente associados à máquina, a Biomedicina (conhecida também por Medicina Cosmopolita ou Alopática) focaliza sua atenção para o interior do corpo humano, especialmente para seus órgãos. Os profissionais atrelados à Biomedicina tendem a não perguntar o que a pessoa sente, e sim onde dói, em que “parte” do corpo dói. Como se o corpo fosse uma máquina e suas engrenagens passíveis de consertos (Marks, Murray, Evans & Willig, 2000).

Além disso, a Biomedicina, cujos posicionamentos até nos dias de hoje são comumente reforçados pelos meios de comunicação, também vem apontando que a conquista de um corpo saudável é realizada por meio de esforços e iniciativas individuais (Nogueira, 2001).

O que nem sempre é considerado é que a preocupação excessiva com o corpo tende a levar muitas pessoas a adotar uma visão superficial e egocêntrica do que seja saúde. Somado a isso, destaca-se que cuidados extremados com o corpo vêm se tornando tão variados e obsessivos a ponto de gerarem uma espécie de hipocondria social: desvirtuando o significado de uma vida saudável, que, segundo Illich (1986), deveria estar associado à “habilidade de adaptar-se aos ambientes mutáveis, ao crescimento e ao envelhecimento, à cura quando enfermo, ao sofrimento e à expectativa pacífica da morte” (p.71).

Para tal autor, essa “iatrogênese do corpo<sup>1</sup>” está intimamente relacionada à posição de centralidade que ele ocupa na sociedade ocidental, na qualidade de objeto de constante preocupação e de intensos cuidados das pessoas.

Nogueira (2001) acrescenta ao pensamento de Illich uma visão crítica das dimensões econômico-sociais da iatrogênese do corpo, apontando que é preciso considerar que na cultura ocidental capitalista contemporânea há uma tendência a alimentar um ciclo infinitamente ampliável de consumo de bens e serviços voltados para a saúde, a qual, em certos casos, tem passado a ser entendida como perfeição estética do corpo.

Assim, os hábitos e atitudes concebidos como adequados, saudáveis, vêm constantemente redundando na escolha de alguns alimentos *diet* e *light* e de equipamentos de exercício, os quais são incorporados ao cotidiano de pessoas, geralmente, de classes média e alta.

Associada a essa noção de saúde, também existe um conjunto de práticas que aproximam estética, saúde e valores relativos ao corpo, através das imagens de *fitness*, que visam a “modelagem” ou o aperfeiçoamento do corpo (Luz, 2003).

Nesse contexto, Castro (2005) aponta a década de 1920 como um momento crucial na construção de um ideal físico, tendo a mídia áudio-visual, em geral, interferido significativamente nesse processo. Dessa maneira, no final de tal década, muitas mulheres, sob a influência das indústrias de cosméticos, de moda e de publicidade, incorporaram a maquiagem no cotidiano e passaram a valorizar o corpo esguio. Segundo a autora citada, ainda no século XX é possível identificar outros três

---

<sup>1</sup> De acordo com Nogueira (2001), “O neologismo *iatrogênese* é derivado do adjetivo *iatrogênico*, que, no léxico médico, caracteriza a condição de dano ou enfermidade gerada por um procedimento de diagnóstico ou de terapia aplicado pelo profissional médico (*iatro*, em grego). O termo mais usado em português é *iatrogenia*” (p.63).

marcos importantes para o estudo do corpo, especialmente nas classes média e alta das sociedades ocidentais capitalistas durante os anos 50, 60 e 80, a seguir elencados.

Os anos 50 caracterizaram-se pela tendência de comportamento “esportista”, o qual provavelmente esteve relacionado a algumas mudanças no lazer, tais como: férias remuneradas e a expansão dos *campings*. As praias tornaram-se mais freqüentadas, e as pessoas que nelas usufruíam as férias passaram a se preocupar mais com o corpo o qual seria exibido no verão. Nessa mesma época, publicidades veiculadas pelo cinema e pela televisão muito contribuíram para que profissionais ligados aos cuidados com o corpo vendessem suas imagens e seus produtos, difundindo um novo conceito de higiene, assim como novas práticas e maneiras de lidar com o corpo.

Já os anos 60 constituíram palco de difusão da pílula anticoncepcional, da chamada “revolução sexual” e do movimento feminista. Esses elementos contribuíram para a liberação da sexualidade feminina. A mulher passa a usar seu corpo não só para reproduzir e para amamentar, mas também para sentir prazer. Além disso, nessa década, o ocidente resgata saberes e práticas corporais alternativos vindos do oriente – como a yoga, o aikido e o tai chi ch’uan -, os quais visam integrar corpo e mente.

Os anos 80 são de extrema importância para a temática do corpo. Pois as atividades físicas passam a ser praticadas mais regularmente que nas décadas anteriores. Proliferam academias de ginástica nos centros urbanos e surge a “geração saúde”, que tende a se opor às drogas e defender a ecologia, o naturismo e o “sexo seguro”.

A partir desse momento, os meios de comunicação reforçam a abordagem relacionada às questões do corpo. Vale ressaltar, que nessa época, paradoxalmente, cresce o consumo de produtos industrializados, compostos por grandes quantidades de gorduras e açúcares, que por sua vez contribuem para o crescimento da obesidade.



Especificamente no cenário brasileiro, revistas femininas passam a dar destaque a matérias relativas ao corpo e à beleza, gerando seções fixas, números especiais e novas publicações, a exemplo das revistas Boa Forma (1984) e Corpo a Corpo (1987), que vêm apresentando lucros cada vez maiores (Mira, 2003; Castro, 2005).

Nesse sentido, Castro (2005) discute que os meios de comunicação, através de seus vários veículos publicitários, tendem a “fabricar” imagens de corpos ideais. De acordo com a autora, o corpo humano se tornou instrumento de publicidade, ao facilitar a penetração de produtos na sociedade de consumo.

São os meios de comunicação associados às indústrias da beleza, da moda e dos produtos denominados “saudáveis” que promovem esse mercado frente aos consumidores, os quais se mostram dispostos a realizarem regimes alimentares e exercícios físicos, a consumirem aminoácidos e vitaminas e/ou a se submeterem às cirurgias plásticas. O mercado, consciente da busca das pessoas por esse corpo ideal, visa aumentar seus lucros cada vez mais (Garcia, 2005).

De modo que hoje, o corpo tende a ser remodelado especialmente pelas classes sociais mais elevadas, seja por meio de próteses de silicone, seja por meio de lipoaspiração e/ou lipoescultura, ou até mesmo por meio do uso de anabolizantes, a fim de ser exibido no campo esportivo, nas passarelas da moda, nas academias de ginástica, nas praias ou nas casas noturnas (Soares, 2001).

Enfatiza-se que para se “obter” um corpo belo, muitas vezes, são necessárias restrições alimentares, nas quais se é permitido comer apenas o que é imposto como “correto” e emagrecedor, excluindo alimentos saborosos, porém “ofensivos” à silhueta (Castro, 2005). Além de outros sacrifícios como as intervenções cirúrgicas citadas no parágrafo anterior e a prática exaustiva de atividades físicas, as quais, não bastasse o desgaste físico que causam, geram culpa quando são negligenciadas (Soares, 2001).

Levando ao extremo tal propósito de conquistar um corpo perfeito, principalmente no universo masculino, surgem os *body builder*, pessoas cujo principal objetivo de vida é adquirir massa muscular.

Os *body builder* se encarregam de esculpir seus corpos por meio de uma alimentação meticulosa, em que prevalece uma alta quantidade de proteínas, aliada a uma rotina radical de exercícios, que exigem muito tempo, sendo necessário abrir mão de horas de lazer, de encontros com amigos e familiares e até mesmo de trabalho. Muitos utilizam suplementos alimentares e esteróides anabolizantes, os quais podem causar doenças como câncer e hepatite. Outros chegam a desenvolver distúrbios alimentares, a exemplo da vigorexia - também denominada distúrbio dismórfico, que se caracteriza por uma convulsão patológica do fisiculturismo (Le Breton, 2003; Goldenberg, 2005).

Ressalta-se que muito do que foi discutido no presente capítulo sobre práticas relativas ao corpo e à estética na contemporaneidade está relacionado às classes mais altas da sociedade ocidental capitalista. Porém, nota-se que a prática do “culto ao corpo”, a qual se encontra apoiada num discurso que ora lança mão da questão estética e ora da preocupação com a saúde, vem se estendendo também a outras classes sociais, dado o forte incentivo ao consumo (Castro, 2005).

Como acontece no mercado do vestuário, Polly (2003) menciona que tem surgido uma série de opções relacionadas ao mercado da estética, oferecendo aos menos abastados a oportunidade de alcançar o que antes era privilégio das classes mais altas, pois as classes sociais menos favorecidas financeiramente são igualmente vistas como um segmento consumidor e pagante no sistema capitalista.

É preciso ressaltar que embora a temática do culto ao corpo esteja presente em diversos segmentos sociais, a forma como cada segmento a realiza mostra-se

diversificada. Assim, a escolha de uma atividade física, bem como de uma academia de ginástica para praticar tal atividade, provavelmente está vinculada a aspectos sócio-econômicos. A exemplo disso, pode-se citar algumas atividades esportivas, como o tênis e o squash, que custam caro e que, portanto, tendem a ser praticadas por pessoas de classes média e alta (Castro, 2005).

Nesse sentido, a referida autora – evocando Pierre Bourdieu - complementa:

a linguagem corporal é marcadora de distinção social, ocupando posição fundamental na sua argumentação e construção teórica, que coloca o consumo alimentar, cultural e a forma de apresentação (incluindo o consumo de vestuário, artigos de beleza, higiene e de cuidados e manipulação do corpo em geral) como as três mais importantes maneiras de distinguir-se (p.1).

Observa-se então que nas sociedades ocidentais capitalistas, as desigualdades sociais e econômicas tendem a se expressarem de diferentes formas, inclusive através dos corpos.

Nesse ponto, não se pode deixar de comentar as consequências do que se chama de “efeito imitação”. Alguns homens e mulheres, movidos pelo desejo de “parecerem” pertencer a determinado extrato social, chegam a se prostituir e/ou a entrar para o submundo do crime, a fim de obterem bens de consumo que estão além de suas posses – incluindo entre esses bens o corpo idealizado pela sociedade de consumo e propagado pelos meios de comunicação.

De modo geral, há uma tendência das classes menos abastadas possuírem uma visão de corpo relacionada não à estética, mas ao caráter de utilidade, isto é, conceber o corpo como uma máquina que deve produzir cada vez mais. E na busca por essa produção, muitos trabalhadores ignoram os limites dos seus corpos, os sinais de cansaço, fadiga e dores. Em vez de esses sinais serem tomados como alerta para que as pessoas respeitem o limite de seus corpos, são freqüentemente encarados pelos próprios

trabalhadores como sinônimo de fracasso, de impotência para realizarem as funções que lhes foram incumbidos. Assim, como menciona Bigolin (2002), “o sofrimento que a dor causa parece não ser o mais relevante, a incapacidade sim” (p.47).

Segundo Boltanski (1989):

Se os indivíduos prestam tanto menos atenção ao corpo e mantêm com ele uma relação tanto menos consciente quanto mais intensamente são levados a agir fisicamente, é talvez porque o estabelecimento de uma relação reflexiva com o corpo é pouco compatível com uma utilização intensa do corpo. É um corpo maquinal, de uso profissional, oferecendo assim pouco espaço para reflexão (p.167-168).

Assim, o autor supracitado relaciona essa falta de relação reflexiva com o corpo como uma maneira de impedir uma redução da qualidade e quantidade de trabalho que o corpo possibilita. A esse respeito Simões (1993) complementa: “de certa maneira os indivíduos são traídos por eles mesmos, em prol das condições econômicas que necessitam de um corpo que promova alta produtividade” (p.32).

Portanto, pode-se inferir que atualmente as relações estabelecidas pelas pessoas com seus corpos, seja concebendo-os como instrumentos essenciais ao trabalho, seja como objetos a serem cultuados a favor da estética, são uma consequência da concepção dualista corpo e mente, que ao mesmo tempo reforça e dá continuidade a essa dicotomia (Gonçalves, 2002).

Diante da predominância desse pensamento dualista e da alienação do corpo na contemporaneidade, alguns estudiosos vêm tentando desconstruir tal pensamento. Merleau-Ponty (1994), por exemplo, evidencia o ser humano como presença corporal em intensa relação com o mundo, rejeitando assim concepções fragmentadas que valorizam apenas um aspecto da existência humana.

Ao compreender o ser humano como unidade, Merleau-Ponty afirma que os seres humanos são seus corpos e o mundo é aquilo que é percebido por eles. “O mundo não é

aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (1994, p.278). Dessa forma, as experiências vividas pelo ser humano são de muita importância, pois é corporalmente que a cada instante se constrói o conhecimento.

Como pode ser observado, coexistem na contemporaneidade formas distintas de se conceber o corpo, embora a concepção dualista seja hegemônica. Assim como coexistem maneiras distintas de lidar com o corpo. Nesse sentido, práticas corporais “alternativas”, como a yoga, o shiatsu, o aikido e o tai-chi-ch’uan, oriundas do oriente e que apresentam uma visão global e unitária integradora de corpo e mente, físico e psicológico, material e espiritual e homem e natureza, vêm ascendendo nas sociedades ocidentais capitalistas.

Tais práticas apresentam o auto-conhecimento como meta fundamental. Pois, segundo Albuquerque (2001), com elas,

através da valorização de capacidades auto-reguladoras e regeneradoras, inerentes ao ser humano, espera-se garantir aos indivíduos autonomia da gestão de seu corpo e da sua mente. Ou seja, o próprio indivíduo é fonte de conhecimentos, e ele também é autônomo em relação ao aprendizado das práticas corporais” (p.37).

Nos dias atuais, esses tipos de práticas aparecem também nos meios de comunicação. Em programas de TV, comerciais e jornais são freqüentes os discursos de especialistas sobre terapias/práticas alternativas movimentando o mercado consumidor, tendo em vista o crescente número de centros de atividades alternativas, bem como literatura especializada nessas áreas.

Vale ressaltar que algumas pessoas passam a adotar tais práticas sob a influência dos meios de comunicação, sem, no entanto, terem clara a concepção de corpo em harmonia com a mente, priorizada por essas práticas.

### **3. O corpo e as relações de gênero**

Como fora abordado no capítulo anterior, os valores e as representações sobre corpo e estética se modificam de acordo com a época e com as diferentes sociedades, grupos e classes sociais.

Além disso, relaciona-se as representações de corpo à temática de gênero, observando que durante a maior parte da história, as diferenças entre o corpo masculino e o corpo feminino serviram para justificar as diferenças sócio-culturais entre homens e mulheres, como se pensassem e agissem de formas distintas devido às características biológicas, corporais. Desconsiderou-se por muito tempo que o masculino e o feminino fazem parte das relações de gênero e que sendo construções sociais, estão permeadas por aspectos históricos e culturais.

Nesse sentido, faz-se mister desenvolver uma breve discussão em torno da concepção de corpo e as relações de gênero, realizando alguns recortes histórico-culturais para se ter alguma noção sobre representações e práticas com relação aos corpos feminino e masculino, em diferentes épocas. Ressaltando-se, porém, que não existem representações fixas sobre gênero. Em uma mesma época, em uma mesma sociedade e em um mesmo grupo social podem coexistir diferentes representações (Sena, 2004).

Historicamente, a construção do feminino vem atrelada à função da maternidade e ao papel de subserviência ao homem. Ao adentrar-se na Antiguidade Clássica, observa-se que as sociedades eram predominantemente patriarcais, autoritárias e verticais, de modo que a vida pública era centralizada nas mãos dos homens, restando às mulheres realizarem tarefas domésticas, serem fiéis aos esposos, bem como lhes dar a primazia da fala e da decisão (Kühner, 1998).

Essa condição de subserviência é re-criada na Bíblia, mais especificamente em Gênesis (Gen, 1:27): “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher”. Segundo Vasconcelos e Vasconcelos (1998), O homem (Adão) e a mulher (Eva) viviam no paraíso (Éden) sem dores, sem males, nem sofrimentos até chegado o dia em que Eva cedera às tentações da serpente – Nachásh -, e levava Adão a comer do fruto da proibida Árvore do Conhecimento, desobedecendo ao Deus.

Como castigo por tal transgressão, o Senhor expulsa o casal do paraíso, atribuindo a Adão a função de prover alimentos e aumentando a dor do parto de Eva. Nesse sentido, infere-se que na própria mitologia religiosa sobre nossas origens assume-se uma visão da mulher como pecadora cujo corpo deve ser castigado (Bohadana, 1998).

Tal visão pejorativa da mulher subsistiu ao longo da Idade Média. Entre os séculos XII e XVIII, a Igreja Católica Romana era o maior dos senhores feudais e exercia forte poder na sociedade, na medida em que ditava normas e condutas. Nessa época, a mulher era tida como símbolo do pecado e da tentação e concebida como responsável pela desgraça e pelo desvio do homem do caminho da salvação, portanto, diabólica como Eva (Ferreira, 1998; Vasconcelos & Vasconcelos, 1998).

A Igreja Católica considerava o fluxo menstrual e todos os líquidos expelidos pelo corpo feminino, impuros, capazes de trazer mal, prazer funesto, veneno, traição e morte (Vieira, 2002).

A mulher era considerada pelos eclesiásticos como uma criatura de natureza inferior, associada regularmente a maior parte dos pecados, como: vaidade, infidelidade, desobediência e, sobretudo, concupiscência e luxúria. A mulher era vista como mais vulnerável às tentações do diabo.

De acordo com Carvalho (2006), essa vulnerabilidade estabelecida, na Idade Média, entre mulher, diabo e sexualidade, permite que se interprete a condenação do sexo feminino como a condenação da sexualidade, da reprodução carnal e toda forma de contato pela carne. Dessa forma, a mulher deveria ser tutelada, submetida ao controle masculino para evitar que fosse alvo das investidas do demônio e, assim, atingir os homens.

Esse discurso de controle e submetimento da mulher era pautado principalmente na total negação da sensualidade e sexualidade intrínsecas ao corpo feminino. Segundo a referida autora, para os homens medievais, as mulheres eram consideradas frívolas, como satanás. E essa associação advém, freqüentemente, do cuidado que as mesmas tinham com a aparência do corpo, utilizando maquilagem, roupas e penteados considerados “extravagantes”, os quais estimulavam o homem a pecar.

Na transição para a Idade Moderna acontece uma série de mudanças econômicas e sociais que interferiram nas relações de gênero. O acúmulo de capital gerado pela troca de mercadoria, bem como pelos saques, pirataria e conquistas, serviu de base para a grande expansão industrial dos séculos XVII e XVIII (Pereira & Gioia, 2003).

Porém, não bastava o capital acumulado para o desenvolvimento da indústria. Necessitava-se também de mão-de-obra, a qual fora viabilizada pela expulsão de muitos



camponeses de suas terras. Eles passaram a compor uma classe trabalhadora livre e sem propriedades que vende sua força de trabalho aos capitalistas em troca de salário.

Diante desse cenário, eclode a Revolução Industrial, na qual a presença do feminino mostra-se intensamente ao suprir as lacunas que eram conseqüências das transformações no mundo produtivo. Segundo Marx (1971):

Tornando-se supérflua a força muscular, a maquinaria, permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompleto, mas com membros mais flexíveis. Por isso, a primeira preocupação do capitalista ao empregar a maquinaria foi a de utilizar o trabalho das mulheres e das crianças. Assim, de poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores, transformou-se imediatamente em meio de aumentar o número de assalariados, colocando todos os membros da família do trabalhador, sem distinção de idade ou sexo, sob o domínio direto do capital. O trabalho obrigatório para o capital tomou o lugar dos folguedos infantis e do trabalho livre realizado em casa, para a própria família, dentro de limites estabelecidos pelo costume. (...) Lançando à máquina todos os membros da família do trabalhador no mercado de trabalho, repartindo o valor da força de trabalho do homem adulto pela família inteira (p.449-450).

Desse modo, a inserção da mulher na grande indústria passou a rebaixar o valor do trabalho masculino. De acordo com Martins (2005), o capitalismo usava dessa divisão sexual do trabalho<sup>1</sup> para incentivar a competição entre os trabalhadores, rebaixando os salários em decorrência do ingresso da força de trabalho feminina. No entanto, ressalta-se que os salários das mulheres têm sido tradicionalmente mais desvantajosos do que os dos homens.

Do ponto de vista econômico, o trabalho remunerado feminino foi tornando-se cada vez mais necessário à subsistência familiar. Porém, no plano político-ideológico,

---

<sup>1</sup> Giffin (2005) enfatiza que a divisão sexual do trabalho dificultou a análise acerca das relações de gênero. Dada a predominância masculina na esfera pública, os próprios registros sociais, historicamente, foram realizados por homens – cientistas, historiadores, romancistas, músicos, etc, eram, em geral, homens que registraram as coisas que interessaram, do ponto de vista masculino.

restava um problema: como conciliar o emprego feminino com a necessidade de manter a ligação estreita das mulheres com os deveres familiares, preservando a divisão sexual do trabalho dentro da família?

Essa contradição teve solução na medida em que os discursos políticos, sociais e culturais dominantes passaram a defender que o emprego feminino, já que inevitável, só era admissível se permitisse às mulheres manterem seus papéis vinculados à esfera doméstica, preservando os estereótipos da feminilidade. Como aponta Besse (1999),

era crucial para a estabilidade da família (e, por extensão, para a ordem pública) e essencial para os empregadores que buscavam manter baixos os custos da mão de obra, que o emprego feminino continuasse a ser 'complementar' ao emprego masculino (p.147).

Além disso, a ciência médica passa a se preocupar em avançar na busca de explicações para justificar as diferenças sociais que estão baseadas nas relações desiguais entre homens e mulheres.

Em prol desse objetivo, os anatomistas, no século XVIII, procuraram nos corpos dissecados diferenças biológicas entre homens e mulheres e lhes atribuiu significados culturais, reafirmando as idéias acerca das hierarquias e desigualdades de gênero, estabelecidas desde a história de Adão e Eva, e reforçadas na Idade Média, principalmente, pela Igreja Católica (Santos, 1998).

Nesse contexto, o corpo feminino se tornou no final do século XVIII objeto de saber e de prática da Ciência Médica, sendo a maternidade cada vez mais investigada. Destacando-se que tal interesse articulou-se pela necessidade do Estado em controlar a natalidade das populações. Assim menciona Foucault (1980):

Toda essa atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade, há dois ou três séculos estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir as formas de relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade útil e politicamente conservadora (p.37).

A partir de então, a prática dos cuidados com o corpo feminino, concebida como competência exclusiva dos médicos desenvolve-se, organiza-se e legitima-se. Nasce no final do século XVIII duas especialidades médicas: a obstetrícia e a ginecologia, as quais relacionam a idéia de “natureza feminina” aos fatos biológicos que acontecem no corpo da mulher: capacidade de gestar, parir, amamentar e menstruar.

Essa concepção, de que a determinação biológica justifica as questões sociais que envolvem o corpo, torna-se dominante. Apesar da necessidade de mão-de-obra feminina já destacada, essa mesma concepção aponta não ser possível homens e mulheres ultrapassarem a condição “natural” de gênero, de modo que as mulheres deveriam continuar permanecendo em casa, cuidando dos filhos e das atividades domésticas; e os homens trabalhando fora para prover o sustento da família.

A respeito disso, Oliveira (1998) acrescenta:

A dependência ao homem teria como justificativa o aspecto biológico da fragilidade feminina (...) Para a ciência da época, a fraqueza, a docilidade e o sentimentalismo eram inerentes à natureza feminina. Por esta razão, caberia às mulheres a responsabilidade pelo equilíbrio familiar. Os homens, por serem mais rudes e menos afeitos a sentimentalismos, não poderiam ser os responsáveis pela educação dos filhos (p.194).

Todavia, faz-se mister destacar que mais adiante, embora tais idéias fossem aceitas sem hesitação pela maior parte da sociedade, algumas mulheres questionavam a reprodução como seu destino único. Inclusive, constituiu-se pauta de reivindicação de algumas delas o acesso ao ensino superior, o qual fora oficialmente concedido no Brasil

em 1879. O que não significou, porém, que a partir dessa data o discurso liberalizante viesse a se estabelecer como hegemônico (Vieira, 2002).

A natureza feminina continuou sendo concebida como essencialmente maternal e reprodutiva. Inclusive, a sexualidade feminina só poderia estar relacionada a essas qualificações, implicando que a mulher que desviasse a norma seria apontada como “degenerada”. Diante disso, o aborto, a esterilização voluntária e a masturbação eram práticas veementemente combatidas (Vieira, 2002).

De modo que a sexualidade feminina passa a ser exercida mais livremente, sem necessariamente estar associada à reprodução, somente no século XX, quando a medicina da mulher centra sua preocupação em torno da anticoncepção. Produz-se, na década de 50, o primeiro anticoncepcional oral, bem como se aperfeiçoam técnicas de esterilização no início da década de 60 (Martins, 1998). Enfatizando, entretanto, que apesar de tais avanços terem beneficiado as mulheres quanto à liberdade sexual, esta não fora o objetivo principal, pois a maior preocupação era a contenção do aumento populacional.

Giffin (2005) a esse respeito comenta que a tendência mundial ao crescente uso dos meios modernos contraceptivos, se, na melhor das hipóteses, permitiu à mulher um exercício da sexualidade sem o resultado inevitável da gravidez, tem trazido conseqüências negativas e pouco estudadas sobre sua saúde. Uma vez que o uso de tais meios resultou numa maior dependência das mulheres do sistema médico.

Dessa forma, assim como foi discutido, as ciências médicas colaboraram e continuam a colaborar com a construção naturalista das noções de masculino/feminino, as quais tendem, atualmente, a serem utilizadas pelos meios de comunicação para legitimar diferenças entre os gêneros nas classes sociais (Natansohn, 2005).

### **3.1. Os meios de comunicação e a visão naturalista das relações de gênero**

Vários estudos têm indicado que os meios de comunicação, ancorados em uma noção de sociedade patriarcal e capitalista, apresentam uma tendência a (re)produzir relações assimétricas - de dominação - de gênero, bem como a reforçar estereótipos de gênero, que vêm sendo construídos desde a Antiguidade Clássica (Roso, 2000).

A exemplo de meios de comunicação que (re)produzem esses estereótipos, Swain (2001), em estudo sobre quatro revistas “femininas”, sendo duas delas publicadas em países da América do Norte e as outras duas na América do Sul, observou que o tom geral dessas revistas é de alegria, de confiança no futuro e certeza de que as mulheres podem conciliar tarefas, assumir novos espaços sem perder a “feminilidade”- perspectiva essa semelhante àquela disseminada no final do século XVIII, quando o trabalho feminino parecia importante, na medida em que “complementava” o trabalho dos homens.

Nesse sentido, a autora comenta que há uma certa condescendência em relação à mulher profissional, cuja atividade seria apenas um acréscimo às suas tarefas habituais, nunca uma modificação natural do trabalho.

De acordo com Swain (2001), tais revistas tendem a objetivar o resgate da “verdadeira mulher”, cujas funções estão vinculadas a sua “natureza”: sedução, reprodução e maternidade. A esse respeito a referida autora afirma:

O feminino aparece reduzido a sua expressão mais simples e simplória: consumidoras, fazendo funcionar poderosos setores industriais ligados às suas características ‘naturais’: domesticidade (eletrodomésticos, produtos de limpeza, móveis), sedução (moda, cosméticos, o mercado do sexo, do romance, do amor) e reprodução (produtos para maternidade/crianças em todos os registros, da vestimenta /alimentação aos brinquedos) (p.71).

Há uma tendência nessas revistas em negligenciar matérias que abordem política, economia e finanças, estratégias e objetivos sociais e questões jurídicas, uma vez que, são temáticas vistas como de interesse essencialmente “masculino” (Swain, 2001). Assim, como há uma tendência em ignorar que muitas mulheres lutam contra essa visão naturalista de funções, assumindo cada vez mais o papel de protagonistas em muitas áreas profissionais ou até mesmo não exercendo a “função” de mãe.

Citeli (2001), assim como Swain (2001), destaca algumas revistas que atribuem explicações biológicas às diferenças entre gêneros. De acordo com Citeli (2001), a sociobiologia, desde os anos 70, desenvolve estudos sobre o caráter naturalista dessas diferenças, fazendo sucesso nos meios de comunicação ao inspirar manchetes sensacionalistas, tais como:

“Os homens são geneticamente mais agressivos porque são mais indispensáveis” (Newsweek); “Eu tenho bons genes, deixe-me reproduzir” (Time); “Se pegarem você dando umas voltinhas, não diga que é culpa do diabo. É seu DNA” (Playboy); “Gene pode explicar diferenças entre os sexos” (O Globo); “A violência dos genes” (Folha de São Paulo) (p.137-138).

Como se pode observar, os meios de comunicação tendem a utilizar as noções naturalistas de masculino/feminino, reforçadas pelas ciências médicas, propagando-as nas sociedades capitalistas, que por sua vez, apresentam o consumismo como uma de suas principais características.

Muito embora as mulheres constituam consumidoras majoritárias no que diz respeito aos produtos de beleza e moda, cresce o número de homens que se preocupam com a aparência, movimentando também a indústria da beleza e da moda, colaborando para uma mudança, ainda que lenta, das representações acerca do masculino/feminino.

Nesse contexto, surge uma nova “categoria” masculina, a dos *metrossexuais*. Homens que residem em ou próximo às metrópoles, que possuem alto poder aquisitivo, que se preocupam com a aparência e tendem a possuir hábitos de consumo que envolvem roupas de grife, carros luxuosos, tratamentos estéticos e academias de ginástica (Garcia, 2005).

De acordo com Garcia (2005), o jogador de futebol inglês do Real Madrid, David Beckham, é considerado internacionalmente um dos maiores ícones metrossexuais.

Beckham, juntamente com outros jogadores, atores e modelos, vem contribuindo para a (re)construção do masculino pautada na aparência bem cuidada e no consumismo. Enfatizando-se que essa (re)construção é comumente passível de preconceitos, uma vez que, principalmente em países de cultura ainda predominantemente machista, como no Brasil, a noção de metrossexual é muitas vezes associada à homossexualidade, como se cuidar da aparência e consumir produtos de beleza estivesse ligado à feminilidade.

Também se destaca que o preconceito que atinge a (re)construção do masculino atinge de maneira semelhante a (re)construção do feminino. No universo esportivo, por exemplo, podem se encontrar mulheres cujos corpos fogem dos padrões, pois algumas são mais fortes e altas. Muitas delas, especialmente as que jogam vôlei e basquete, são vistas como estranhas e diferentes, chegando a serem comparadas com os homens (Adelman, 2003).

Há mulheres que não progridem na carreira esportiva dado o preconceito de suas famílias que encaram essa ambição como característica masculina. Contudo, nem todas se entregam às pressões de suas famílias, crescendo inclusive, o número de mulheres que praticam esportes considerados “masculinos”, como boxe, caratê e jiu-jitsu.

Aliás, não só no cenário esportivo, como também no campo empresarial, nas letras e nas artes, as mulheres vêm conquistando espaços antes concebidos como estritamente masculinos, de modo a contribuírem para mudanças nas representações e nos significados de masculino/feminino (Jacobina, 1998; Nolasco, 1998).

A esse respeito Louro (2001) complementa:

Ainda que a dominação masculina permaneça uma característica central da sociedade moderna, é importante lembrar que as mulheres têm sido ativas participantes na modelação de sua própria definição de necessidade. Além do feminismo, as práticas cotidianas da vida têm oferecido espaços para as mulheres determinarem suas próprias vidas. Têm se ampliado, a partir do século XIX, os espaços aceitáveis, para incluir não apenas o prazer no casamento, mas também formas relativamente respeitáveis de comportamento não-procriativo. Os padrões de privilégio sexual masculino não foram totalmente rompidos, mas há, agora, abundantes evidências de que tal privilégio não é aceitável nem imutável (p.58).

De acordo com Mondardo (1998), as mudanças na situação laboral da mulher têm sido determinantes para uma revisão de papéis e, assim, impulsionadoras de mudanças na postura masculina. Estas alterações se evidenciam nas modificações quanto à função paterna, uma vez que se presencia, de modo geral, um envolvimento maior do pai com relação às épocas passadas. Esse envolvimento é percebido desde o acompanhamento da gravidez até os cuidados básicos e de educação do filho.

Assim, observa-se que mudanças sócio-econômicas e culturais estão contribuindo para a superação das noções naturalistas de masculino/feminino, apontando para essa construção social das relações de gênero, como mencionado no início do capítulo.



## **4. Considerações sobre a adolescência**

### **4.1. Contribuições da psicologia para as concepções de adolescência**

A adolescência é comumente compreendida como uma fase inerente ao desenvolvimento humano, marcada por crises e turbulências. Tal concepção surgiu no início do século XX com a Psicologia Biogenética de G. Stanley Hall. Hall, sob influência de teorias evolucionistas, concebia a adolescência como um estágio em que cada pessoa necessariamente experencia os estágios da infância pela segunda vez, porém, em um nível mais complexo (Sprinthall & Collins, 2003).

A partir de investigações de questionários e diários escritos por adolescentes da América do Norte, Hall concluiu que a vida do adolescente é marcadamente envolvida por crises e oscilações contraditórias,

(...) Energia, exaltação e superatividade são seguidos por indiferença, letargia, desprezo. Uma alegria exuberante, gargalhadas e euforia cedem lugar à disforia, depressão e melancolia. O egoísmo, a vaidade, e presunção são tão característicos deste período como o abatimento, humilhação e timidez. Podem-se observar vestígios de um egoísmo infantil evidente e um aumento de altruísmo idealista. O adolescente deseja solidão e reclusão, mas se encontra enamorado de “paixonites” e amigos. Às vezes poderá demonstrar extrema sensibilidade e ternura; outras, será insensível e cruel. Apatia e inércia alternam com a curiosidade entusiástica, e urgência em descobrir e explorar... (Hall, 1916).

Nas primeiras décadas do século XX, os adultos passaram a considerar as necessidades fisiológicas e psicológicas dos adolescentes, assim como a Psicologia passou a tomar a adolescência como objeto de estudo (Sprinthall & Collins, 2003).

Tais investigações tiveram início quando vieram à tona vários acontecimentos sociais e econômicos, especialmente vinculados à fase de industrialização das grandes cidades. Nessa época, as populações cresciam vertiginosamente, bem como a necessidade de mão-de-obra qualificada, sugerindo novos padrões e necessidades (Bareicha, 2000).

As indústrias com uma maior sofisticação tecnológica exigiam das pessoas melhor qualificação, o que era obtido na escola. O desemprego crônico/estrutural das sociedades capitalistas veio exigir o retardo do ingresso dos jovens no mercado de trabalho e o prolongamento da permanência deles na escola. Ressaltando que esses jovens eram de classes média e alta, uma vez que os jovens da classe operária continuaram a trabalhar a fim de contribuir com a renda familiar (Bareicha, 2000).

Destaca-se que a Psicologia, desde essa época tende a tratar a “adolescência como uma categoria descontextualizada, seja como uma fase do desenvolvimento – etapa da vida – que, portanto, remete à biologia e a estados do corpo, ou como categoria sócio-demográfica que remete a parâmetros etários” (Traverso-Yèpez & Pinheiro, 2002, p.137).

Nesse sentido, muitos psicólogos, ao abordarem a temática da adolescência vêm relegando a diversidade cultural, social e econômica ao “esquecimento”. Variáveis sócio-demográficas, tais como gênero, classe social e contexto histórico-cultural tendem a ser ignoradas (Traverso-Yèpez & Pinheiro, 2002).

A Psicanálise é tida como grande e influente estudiosa da adolescência. Ao recorrer-se aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, observa-se que Freud (1905/1996), utiliza-se da palavra puberdade, em vez do termo adolescência, denotando uma concepção voltada para a maturação fisiológica como limite à infância.

De acordo com o referido autor, a puberdade consiste numa experiência inevitável que envolve uma gama de dificuldades intimamente relacionadas ao desenvolvimento biológico do ser humano. Freud aponta quatro acontecimentos que destacam a puberdade das outras fases do desenvolvimento humano: a elevação do desejo sexual, o processo de escolha de um objeto sexual, a construção de um novo objetivo sexual – comumente a reprodução -, e o afrouxamento dos laços com a família devido à barreira do incesto.

Aberastury (1981), psicóloga de base psicanalítica, também encara a adolescência como uma fase inerente ao desenvolvimento humano. Para ela, a adolescência se aplica especificamente ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente, entre os 13 e os 23 anos no homem, podendo prolongar-se até os 27 anos. E entre os 12 e os 21 anos nas mulheres.

Segundo tal psicóloga, a adolescência constitui uma crise no desenvolvimento da criança, decorrente primeiramente das mudanças corporais próprias da puberdade – as quais serão discutidas no próximo sub-tópico -, que paralelamente ou posteriormente são acompanhadas pelas mudanças psicológicas, as quais tendem a relacionarem-se aos três principais lutos vivenciados pelos adolescentes:

- 1) Luto pelo corpo infantil relacionado às alterações fisiológicas e corporais características desta fase;

- 2) Luto pela perda da identidade e papéis infantis, levando o adolescente a assumir-se independentemente diante do mundo; e
- 3) Luto pela perda dos pais da infância, expresso pela ambivalência, comumente presente nesses momentos, de busca de dependência e independência dos pais, numa tentativa de mantê-los como antes.

Esses lutos são necessários, segundo Aberastury (1981), porque fazem parte do processo de construção de uma nova identidade, a identidade adulta.

Já Jean Piaget, seguindo uma abordagem construtivista, enfoca principalmente o papel do pensamento na adolescência, que de acordo com ele, torna-se abstrato, conceitual e orientado para o futuro. Piaget denomina a etapa da adolescência de “estágio das operações formais”, quando, segundo ele, é freqüente a exibição de uma notável criatividade expressa em textos, diários, música, arte e poesia, bem como nos esportes e nos interesses do adolescente por questões humanitárias, morais, éticas e religiosas.

Alguns estudiosos da Psicologia concebem a adolescência de um modo naturalista e universal. Contudo, essa tendência descontextualizada vem sendo questionada a partir da década de 1920, com os estudos da antropóloga cultural Margareth Mead, quem, inicialmente, tomou como base os adolescentes oriundos da Ilha de Samoa, os quais, por sua vez, possuem cultura, hábitos e crenças distintos dos adolescentes da América do Norte e da Europa Ocidental.

Mead constatou que os adolescentes de Samoa vivenciavam a adolescência de maneira suave, sem grandes crises e turbulências, o que a levou a concluir que a forma de se vivenciar a adolescência está intrinsecamente relacionada às normas e

expectativas culturais, de modo que não se deve encará-la exclusivamente como uma fase de turbulências e crises (Sprinthall & Collins, 2003).

Erickson, sob influência tanto da psicanálise como dessas novas contribuições da antropologia cultural, passa a destacar a importância do estudo da identidade para a compreensão da adolescência. Segundo ele (1987):

A formação da identidade emprega um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira que eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele. Este processo é felizmente (e necessariamente), em sua maior parte, inconsciente – exceto quando as condições internas e as circunstâncias externas se combinam para agravar uma dolorosa ou eufórica “consciência de identidade”. (1987, p. 21).

Assim, o referido autor entende que o adolescente não está dissociado do mundo em que vive: influencia e é influenciado por aspectos sociais e culturais. Entretanto, enfatiza-se que embora Erickson tenha contribuído para a mudança de visão naturalista da adolescência, continuou a postular que “todas” as pessoas vivenciam a adolescência de modo conturbado.

Apenas mais recentemente é que outros autores da psicologia vêm dando passos adiante, na medida em que questionam a adolescência como uma fase de grandes crises. A Psicologia sócio-histórica, por exemplo, acredita que a adolescência existe, mas não constitui uma fase natural do desenvolvimento humano, é criada historicamente pelo homem, nas relações sociais, enquanto um fato, e passa a fazer parte da cultura enquanto significado (Aguilar, Bock & Ozella, 2001).

A esse respeito Ozella (2002) reforça:

Dentro de uma perspectiva sócio-histórica (Bock, 1997), só é possível compreender qualquer fato a partir de sua inserção na totalidade, na qual este

fato foi produzido. Totalidade essa que o constitui e lhe dá sentido. Assim, a adolescência *deve* ser compreendida nessa inserção. É importante perceber que a totalidade social é constitutiva da adolescência, ou seja, sem as condições sociais, a adolescência não existiria ou não seria essa da qual falamos (p.22).

Traverso-Yèpez e Pinheiro (2002) tomam como base tal perspectiva e sugerem o uso do termo “adolescências” em vez de adolescência, tendo em vista que existem diversas formas de se vivenciar a adolescência, a depender das diferenças de classe, do lugar de moradia, da geração a que pertence, bem como da diversidade e do pluralismo cultural que chegam aos adolescentes através da mídia, oferecendo “um panorama variado e mutante que compreende comportamentos, referências identitárias, linguagens e formas de socialização diversas” (p.138).

Assim como Traverso-Yèpez e Pinheiro (2002), Martins, Trindade e Almeida (2003) acreditam que a inserção sócio-histórica é fundamental para se compreender a adolescência. Em pesquisa desenvolvida acerca das representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural, Martins, Trindade e Almeida (2003), constataram que as representações sociais se diferenciam quanto à moradia.

Pois, embora os adolescentes da zona urbana e da zona rural associem a adolescência à alegria e à liberdade, os últimos sentem a vida adulta mais próxima deles, uma vez que passam a assumir responsabilidades - como trabalhar -, mais precocemente.

Já os adolescentes da zona urbana percebem o futuro como uma realidade ainda distante, já que, de modo geral, possuem maior oportunidade de prolongar os estudos, de adiar o ingresso no mundo do trabalho e de manterem-se sob a proteção dos pais.

Martins, Trindade e Almeida (2003) apontam que enquanto os adolescentes da zona rural reconhecem a própria responsabilidade na construção do futuro, os

adolescentes da zona urbana atribuem tal responsabilidade às condições que lhes forem oferecidas. O que vem a reafirmar que o contexto sócio-histórico em que as pessoas estão inseridas influencia na forma de elas representarem ou significarem um determinado objeto social, como é o caso da adolescência.

Assim, na medida em que a Psicologia insiste em negligenciar a inserção histórica do adolescente e suas condições de vida, bem como em supor uma igualdade de oportunidades entre todos os adolescentes, “dissimula, oculta e legitima as desigualdades presentes nas relações sociais, situando a responsabilidade de suas ações no próprio jovem” (Ozella, 2002, p.18). O que vai ao encontro, de uma perspectiva liberal - característica da sociedade ocidental capitalista e geralmente difundida nos meios de comunicação -, a qual encara a pessoa como livre e exclusivamente responsável por suas escolhas.

#### **4.2. Os adolescentes e as relações com seus corpos**

Kaplan, Sadock e Grebb (1997) sublinham que a adolescência caracteriza-se por profundas alterações do desenvolvimento biológico, psicológico e social, sendo a puberdade o processo que engloba as mudanças físicas intrínsecas à adolescência.

De acordo com tais autores, o início da puberdade é ativado pela maturação do eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenal-gonadal, levando à secreção dos hormônios sexuais. Esta atividade hormonal produz as manifestações da puberdade, tradicionalmente categorizadas como características sexuais primárias e secundárias.

As características primárias são aquelas diretamente envolvidas na reprodução, a saber, órgãos reprodutores e genitália externa. Já as características secundárias incluem o desenvolvimento dos seios e o alargamento dos quadris, nas mulheres, e o crescimento de pêlos faciais e mudança no tom de voz, nos homens. Vale ressaltar, que não há uma idade fixa para que essas características comecem a se desenvolver. O que comumente é mencionado é que as meninas iniciam mais cedo a puberdade do que os meninos.

Salienta-se, que há uma tendência dos adolescentes integrarem todas essas alterações que ocorrem em seus corpos, com dificuldade. É como se os corpos deles não lhes pertencessem, tendo em vista que tais mudanças ocorrem bruscamente (Cano, Ferriani, Medeiros & Gomes, 2005). Nesse sentido, a imagem corporal - entendida como a idéia que a pessoa tem do seu próprio corpo - dos adolescentes passa a afetar o auto-conceito e a auto-estima deles. Destacando-se que o auto-conceito pode ser considerado, de acordo com Assis *et al* (2003), como:

uma organização hierárquica e multidimensional de um conjunto de percepções de si mesmo. O conteúdo dessas percepções é tudo aquilo que a pessoa reconhece como fazendo parte de si. É adaptável, regulado pelo dinamismo individual, pelas características da interação social e pelo contexto situacional. É eminentemente social, já que gera e é gerado nas interações sociais. Reflete uma visão mais racional de si próprio (p.671).

E a auto-estima como uma parte do auto-conceito. Pois, segundo os autores supracitados:

a auto-estima expressa um sentimento ou uma atitude de aprovação ou de repulsa de si mesmo, e até que ponto o sujeito se considera capaz, significativo, bem-sucedido e valioso. É o juízo pessoal de valor expresso nas atitudes que o indivíduo tem consigo mesmo (p.671).



Ressalta-se também que o auto-conceito e a auto-estima dos adolescentes, muitas vezes atrelados à questão do corpo, apresentam-se vinculados às relações que eles estabelecem com seus grupos. Pois, nessas turmas os adolescentes começam a perceber, se seus corpos correspondem ou não aos corpos idealizados por eles mesmos e pelos grupos de “iguais”, sendo através da identificação e da comparação com outros adolescentes, que eles começam a ter uma idéia mais concreta acerca de seus esquemas corporais, bem como um sentimento de aceitação ou rejeição por parte dos grupos.

Cano, Ferriani, Medeiros e Gomes (2005) apontam que os alvos de comparação entre os adolescentes variam conforme os gêneros. Dessa forma, a estatura, o tamanho do pênis, a quantidade de pêlos e a força muscular constituem focos freqüentes de comparação entre os meninos, ao passo em que as meninas comparam entre si o peso corporal, a ausência ou o atraso da menstruação, o tamanho dos seios, a acne, as estrias e as celulites.

Assim, na medida em que os adolescentes percebem seus corpos como destoantes daqueles apresentados em seus grupos ou até mesmo nos meios de comunicação, os quais constituem importantes influenciadores na produção de seus discursos e subjetividades – e que serão abordados mais intensamente no próximo subtópico –, eles tendem a se sentir inseguros e angustiados.

A fim de diminuir a insegurança e melhorarem o auto-conceito e a auto-estima, muitos desses adolescentes passam a recorrer a métodos que possam torná-los mais semelhantes ao grupo de “iguais”.

Nesse sentido, podemos citar o exemplo de meninas que ao se depararem com os padrões de beleza atualmente centrados na magreza, sentem-se insatisfeitas com seus corpos porque se percebem distantes desse modelo. Assim, objetivando conquistar um

corpo idealizado socialmente, elas passam a recorrer às dietas, aos exercícios físicos, aos inibidores de apetite, chegando, em alguns casos, a desenvolver distúrbios alimentares.

#### **4.3. O papel dos meios de comunicação como influenciadores dos adolescentes**

Como comentam Andrade e Bosi (2003), o mundo tem atravessado grandes e profundas transições, estruturalmente vinculadas à globalização, a qual impulsiona países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, a aderirem à comunidade internacional, de modo a garantirem suas sobrevivências em uma economia globalizada, onde as regras do mercado são estabelecidas pelos grandes conglomerados financeiros.

Nesse cenário há espaço não apenas para transformações econômicas, mas também para transformações políticas e culturais, de modo que os países em desenvolvimento tendem a importar e a reproduzir modelos globais, em todas as dimensões da vida humana. Esses modelos são rapidamente veiculados pelos meios de comunicação, nos quais são sugeridas constantemente formas de existir e consumir.

Freitas e Souza (2005) comentam que embora não haja um consenso na literatura a respeito do papel social dos meios de comunicação, há uma tendência geral em reconhecer esse seu caráter. Pois, intencionalmente ou não, as informações veiculadas contribuem, muitas vezes para a reestruturação de visões de mundo e de si mesmo que o ser humano constrói.

Ozella (2002) aponta que a partir da

concepção de adolescência, entendida como uma construção histórica e não como uma fase natural do desenvolvimento, e considerando os meios de

comunicação de massa como um determinante importante na construção de vários significados sociais, não podemos ignorar a participação da mídia nessa construção da concepção de adolescência nos próprios jovens imersos nesse caldo de informações transmitidos pela mídia (p.23).

Enfatiza-se, porém, que embora os meios de comunicação sejam considerados importantes na construção da concepção de adolescência, não se ignora que há outras instituições, tais como: a família, a igreja e a escola, que exercem papéis semelhantes. Todavia, o presente estudo focaliza a atenção na influência dos meios de comunicação, especialmente os *blogs*, na construção da adolescência.

A adolescência nos jornais, na TV, no rádio e na internet muitas vezes é apresentada como uma fase da vida que é marcada por sexo, escolhas amorosas, conflitos familiares e escolares. Ressaltando que esses meios tendem a utilizar como modelo o do adolescente branco e de classe média do ocidente (Fischer, 2005).

Fischer (2005) sugere que mesmo que alguns espectadores e/ou consumidores não se encaixem *a priori* nesse perfil de adolescente, os meios de comunicação criam um conjunto de estratégias com o objetivo de acolhê-los. Na novela *Malhação*<sup>1</sup>, por exemplo, são exibidos personagens adolescentes, cujos problemas tendem a ser encarados pelos adultos como tolices. Esses personagens mesmo que sejam de classe média geram identificações em adolescentes de classes populares, dada a semelhança da problemática que enfrentam.

A autora acima citada complementa que os meios de comunicação no Brasil “tematizam de alguma forma a adolescência brasileira, falam com ela, dirigem-se a ela, buscam-na avidamente na condição de público consumidor e posicionam-se como lugar de educação e formação das gerações mais novas” (p.5).

---

<sup>1</sup> Novela essencialmente direcionada ao público adolescente e veiculada pela Rede Globo há dez anos.

Entretanto, é necessário destacar que esses meios reduplicam discursos e práticas sociais, porém com uma linguagem e modo próprios, selecionando o que “deve” ser visto e ouvido pelo público e/ou consumidor. Havendo uma tendência desses meios de comunicação em apresentarem acontecimentos isolados do contexto sócio-históricos em que estão inseridos (Fischer, 2002).

Além disso, os meios de comunicação nem sempre se mostram congruentes, até porque veiculam discursos provenientes de várias áreas cujos princípios não convergem entre si. A exemplo disso, Serra e Santos (2003) apontam como exemplo alguns meios de comunicação que ao mesmo tempo em que estimulam, via publicidade, a prática de consumo de *fast food* por adolescentes, publicam discursos de especialistas que, no entanto, não indicam nem tampouco concordam com o consumo de *fast food* e seus efeitos na saúde do adolescente.

Inclusive, nesse mesmo exemplo citado por Serra e Santos (2003) pode-se destacar uma outra contradição: muitas das pessoas - geralmente famosas - que fazem a publicidade de *fast food* apresentam corpos não condizentes com essas práticas alimentares contra-indicadas pelos profissionais de saúde.

Contradições como essas levam muitos adolescentes a vivenciarem um dilema, pois ao passo em que procuram atender às expectativas da sociedade de consumo, se alimentando de *fast food*, rico em gorduras e açúcares que, ao ser consumido em excesso, pode levar à obesidade, ao mesmo tempo, são pressionados a apresentarem um corpo magro, “sarado”. Assim, diante de pressões sociais como essas, alguns adolescentes ou mesmo crianças passam a se preocupar com dietas.

Maia (2004), entretanto, destaca que tal preocupação com o corpo belo é mais recorrente entre as adolescentes, dado a valorização do corpo feminino como objeto.

Inclusive, muitas delas recorrem às cirurgias de aumento de seios, com próteses de silicone e às lipoaspirações a fim de exibirem um corpo idealizado pela sociedade de consumo.

Enfatiza-se que há uma tendência dos adolescentes em compartilhar entre eles não apenas modelos de corpo e beleza, mas também itens de consumo como acessórios, roupas e CD's, valores e formas de agir, os quais formam uma cultura própria do adolescente.

Fischer (2005) a esse respeito comenta que se os adolescentes das sociedades capitalistas agem de modo diferente de seu grupo, tendem a ser ignorados ou vistos como “esquisitos”, pois no mundo globalizado importam o consumo e a homogeneização.

Inclusive, os meios de comunicação, especialmente a televisão que constitui o principal instrumento de informação dos adolescentes, muito contribuem para a veiculação de padrões de beleza e consumo (Alves, 2001).

Como já apontado, a telenovela *Malhação*, por exemplo, parece influenciar cada vez mais no modo dos adolescentes brasileiros se vestirem e se comportarem. Nessa telenovela o corpo é encarado como instrumento de “controle-estimulação”, pois ao passo em que o adolescente é estimulado a ter relações sexuais mais cedo, é também “convocado” a não negligenciar no uso de preservativo. Assim como, na medida em que é estimulado a exibir o corpo, isso só “deve” ser realizado se o corpo estiver “malhado”.

Os meios de comunicação também vêm constantemente veiculando as diferentes formas de relacionamento entre adolescentes. Desde os anos 90, programas de TV, novelas, revistas, livros e internet acompanham o surgimento do “ficar”, o qual consiste num contato de curta duração entre o par. No “ficar” não há pressão para a

exclusividade, de modo que em uma mesma noite o adolescente pode “ficar” com mais de uma pessoa.

Nessa modalidade de relacionamento há uma tendência de os sentimentos serem considerados mais superficiais, sendo necessário, muitas vezes, apenas a atração física ou um interesse qualquer por uma pessoa para que o relacionamento seja estabelecido. O envolvimento comumente é marcado por contato corporal, seja através de beijos, abraços, carícias e/ou relações sexuais, geralmente acompanhados de conversas entre o par.

A respeito do “ficar”, Weingartner, Bonamigo e Goidanich (1995) sugerem que ele aparece como um reflexo da sociedade ocidental capitalista, a qual tende a valorizar o que é passageiro e descartável, inclusive os relacionamentos.

Já o namoro, diferente do “ficar”, constitui num contato mais prolongado, que pode variar, segundo os próprios adolescentes, de semanas a anos. Nesse caso, a exclusividade é mais presente e o envolvimento corporal tende a somar-se a um constante compartilhar de atividades entre o casal.

Destaca-se, porém, que o “ficar” pode se transformar em namoro. De acordo com Weingartner *et al* (1995), o “ficar” acontece mais freqüentemente no início da adolescência, quando as descobertas são estimuladas pela sociedade, através dos meios de comunicação, como essenciais. Em contrapartida, o namoro mostra-se mais presente numa fase posterior, na qual a pessoa costuma apresentar a identidade melhor definida, fazendo projeções para o futuro.

A forma como tais envolvimento afetivos acontecem na atualidade parece refletir o que a sociedade de modo geral deseja do adolescente: que ele vivencie várias situações, conheça várias pessoas para que possa construir uma identidade mais sólida, e

só então vivenciar um relacionamento “sério”, com maiores responsabilidades e discernimento.

Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvaes (2003) enfatizam que, apesar dos pares exercerem forte influência na vida dos adolescentes, estes não “caem” aleatoriamente num grupo de amigos ou num relacionamento amoroso, pois tendem a escolher amizades que sejam como eles próprios, influenciando-se mutuamente, tornando-se mais parecidos.

Até mesmo através da internet, com o uso de *blogs* ou do Orkut - sobre os quais discutir-se-á no sub-tópico seguinte -, muitos adolescentes se associam a grupos que apresentam idéias e preferências semelhantes às suas.

#### *4.3.1. Destacando os blogs e o Orkut*

Com o desenvolvimento das ferramentas tecnológicas, principalmente aquelas promovidas pelo advento da internet, emergem novas formas de relação, comunicação e organização das atividades humanas. Dentre as quais se podem destacar os *blogs* e as comunidades virtuais, a exemplo do Orkut, que são utilizados predominantemente por adolescentes (Araújo, 2005).

Os *blogs* (abreviatura de *weblog*), como já comentado, são diários escritos na internet. Eles se caracterizam, segundo Recuero (2005), principalmente, pela forma baseada em microconteúdo, de organização cronológica e de freqüente atualização, isto é, pequenas quantidades de textos publicados periodicamente, sendo que o mais recente é topicalizado no início da página. Os *blogs* são populares pela facilidade de publicação

na internet, uma vez que dispensam o conhecimento de ferramentas como o HTML<sup>2</sup>, simplificando o processo de construção de um *site* pessoal.

Em termos estruturais um *blog* apresenta, de modo geral, cinco itens básicos (Marthe, 2005, p.88):

- 1) Além do nome, o cabeçalho traz um resumo do tema do diário;
- 2) O dono do *blog* exibe seu perfil e seus contatos em destaque;
- 3) Cada texto vem acompanhado de assinatura, data e horário em que foi “postado”. No meio dele, o “*blogueiro*”<sup>3</sup> põe os atalhos para os artigos aos quais faz alusão;
- 4) Há um ícone em que os leitores do *blog* podem deixar comentários sobre cada notícia;
- 5) Nas laterais da página encontram-se os arquivos de textos já publicados e os endereços recomendados pelo “*blogueiro*”.

Como comentam Machado e Tijiboy (2005), apesar da grande massa da população não ter acesso à internet, cresce a cada dia o número de pessoas que procuram *blogs* e comunidades virtuais, os quais tendem a ser, hoje, formadores de opinião tão influentes quanto a grande mídia. Eles são utilizados com objetivos que vão desde a promoção de candidatos políticos até o compartilhamento de interesses, sejam eles econômicos, sociais e/ou culturais.

No caso dos adolescentes, muitos apontam criarem *blogs* com o intuito de desabafarem, uma vez que tendem a se sentirem mal-interpretados pela família, pela

---

<sup>2</sup> Sigla para Hypertext Markup Language – Linguagem de publicação na Rede.

<sup>3</sup> Neologismo referente à pessoa que escreve *blog*.



escola e por outras instituições sociais, bem como para trocarem idéias e opiniões com grupos de “iguais”.

Nesses *blogs*, os adolescentes geralmente escrevem poesias, pensamentos, protestos e anexam fotos, esperando que alguém os leiam e comentem. Nesse sentido, muitos desses *blogs* se constituem como espaços de interação que possivelmente contribuem para a construção de representações e sentidos acerca de diversos objetos sociais.

Lopes e Poli (2005) ressaltam que os *blogs* dos adolescentes caracterizam-se por uma abundância de cores, imagens, bem como por uma linguagem própria que os distingue dos adultos.

Já com relação ao Orkut, ele pode ser entendido, segundo Machado e Tijiboy (2005) e Wikipédia (2006), como uma comunidade virtual, isto é, como grupos de pessoas que se relacionam no ciberespaço através de laços sociais, compartilhando interesses e sentimento de comunidade.

O Orkut foi criado pela empresa Google, a qual mantém um dos maiores *sites* de busca da internet. Em 22 de janeiro de 2004, a referida comunidade virtual surgiu a fim de ajudar seus membros a estabelecer amizades e/ou relacionamentos amorosos. Seu nome é uma homenagem ao seu projetista chefe, Orkut Büyükkokten, engenheiro da empresa.

Monzillo (2006) compara o Orkut a um clube, onde só pode entrar quem for convidado por um associado. Depois de convidada, a pessoa cria um perfil, no qual pode incluir uma foto e descrições sobre suas características e preferências. Em seguida, adiciona aos seus contatos pessoas conhecidas ou desconhecidas, geralmente pelo fato de apresentarem preferências parecidas.

É possível, através do Orkut, classificar pessoas utilizando um sistema de “cotação”, em que três características são avaliadas: confiabilidade, sensualidade e simpatia, assim como é possível também escrever depoimentos sobre conhecidos e declarar-se fã de alguém. De modo geral, o número de amigos, fãs e depoimentos tendem a revelar o grau de popularidade das pessoas (Machado & Tijiboy, 2005).

O Orkut também apresenta um espaço em que os membros podem gerenciar ou somente adicionar comunidades onde são expostas preferências e discutidas temáticas diversas. Quando membros gerenciam comunidades, eles são denominados “moderadores”.

Como se pode observar, o Orkut proporciona um grande desvelamento virtual da vida privada, que não pode ser plenamente compreendida fora do “real” contexto sócio-cultural em que está inserida. Tanto o Orkut como os *blogs* surgem numa época em que os meios de comunicação, a exemplo dos telejornais, dos chamados programas didáticos e instrucionais, bem como das produções ficcionais, parecem não sobreviver fora de um ambiente em que a confissão tem sido a “técnica de si” por excelência, conforme escreve Foucault em *História da sexualidade I: a vontade de saber*.

Como Fischer (2001) salienta:

trata-se de uma cultura que reforça, de acordo com o psicanalista Jurandir Freire Costa, um tipo de mito racionalista e individualista, segundo o qual será mais autêntico e verdadeiro aquele que tudo expuser publicamente de sua intimidade, como se esse grande lugar público dos meios de comunicação, pudesse mostrar a transparência das verdades individuais e como se essa prática devesse ser considerada não só bastante desejável como necessária, em oposição a outras, entendidas como dissimulação, falsidade, negatividade e hipocrisia (p.587).

Fischer (2005) destaca ainda que tudo indica que há uma predominância da figura da mulher, das mais diferentes faixas de idade e de situações sociais, como protagonista de inúmeras e diferenciadas formas de confissão nas telas da TV, nos jornais e na

internet, de tal forma que, comparativamente aos homens, elas estão mais presentes como sujeitos falantes, "confessantes" e igualmente como pessoas a serem formadas, educadas, ou seja, como pessoas cada vez mais necessitadas de normas e procedimentos para permanentemente "cuidarem de si".

Vale ressaltar, que tanto nos *blogs* como no Orkut as pessoas podem construir uma série de identidades, pois no mundo virtual “o sujeito passa a ser criador de si mesmo; demiurgo que produz não apenas novos mundos e seres, mas que também pode recriar-se indefinitivamente” (Machado & Tijiboy, 2005, p.6).

Aqui não se está preocupado com a verdade como *conhecimento absoluto*, mas sim, com a necessidade de remeter a *verdade* à esfera da ética, pontuando sua importância não como verdade em si, mas como relativa a nós mesmos. Nesse sentido, Ibáñez (1994) sugere que no mundo em que vivemos há verdades, mas que “elas são sempre específicas e construídas a partir de convenções pautadas por critérios de coerência, utilidade, inteligibilidade, moralidade, enfim, de adequação às finalidades que designamos coletivamente como relevantes” (p.29-30).

Também é preciso lembrar que os *blogs* e o Orkut expõem demasiadamente seus “usuários”, podendo ser um meio de perscrutar a intimidade alheia. Inclusive, a respeito disso Araújo (2005) complementa:

Nunca antes, na história da humanidade, tivemos tanto poder e tanta facilidade para deixarmos tantas pistas de nossa presença em um único lugar, e essas pistas vêm sendo exploradas em investigações policiais de crimes como apologia a práticas ilícitas e o tráfico de drogas (p.6).

Nesse sentido, utilizamos os *blogs* como ferramentas provenientes do mundo virtual, buscando “pistas” sobre discursos e práticas acerca do corpo.

## 5. Sobre o percurso metodológico

Este estudo recorreu a uma estratégia metodológica de análise do discurso para compreender os textos produzidos nos *blogs* de adolescentes preocupadas em conquistar um corpo magro.

Como já fora destacado, os *blogs* ou *weblogs* são páginas da internet nas quais a maioria de seus usuários, chamados “*blogueiros*”, escrevem com total liberdade sobre os mais variados temas. Nos *blogs* são realizadas atualizações, denominadas *posts*, organizadas cronologicamente como um histórico ou diário. Provavelmente, a maior diferença entre os *blogs* e a mídia tradicional é a de comporem uma rede baseada em ligações – *links* – com outras fontes de informação e mais intensamente com outros *blogs*.

Ressalta-se que a noção de discurso aqui empregada remete a “todas as formas de fala e textos, seja quando ocorre naturalmente nas conversações, como quando é apresentado como material de entrevistas, ou textos escritos de todo tipo” (Gill, 2002, p.247).

De acordo com a autora supracitada, os discursos precisam ser entendidos como práticas sociais. Desse modo, adolescentes, assim como quaisquer outras pessoas, utilizam vários modos de manifestarem seus discursos a fim de “fazer coisas” – justificar, acusar, explicar, desabafar etc, como nos *blogs*, por exemplo. Realçar isso é sublinhar o fato de que o discurso não ocorre em um vácuo social. Assim sendo, os discursos das adolescentes são influenciados pelo contexto sócio-histórico em que circulam e vice-versa.

Segundo Fischer (2001, p.207), o sujeito em si não é um sujeito “idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem”. Nessa linha de pensamento, os *blogs* não são a manifestação de “um sujeito”, apesar de serem uma reprodução, mesmo que simples, de atos discursivos individuais, mas sim “um lugar” no qual atua um “sujeito linguagem” constituído de interdiscursos.

A referida autora exemplifica essa interdiscursividade no seguinte trecho:

nos discursos sempre se fala de algum lugar, o qual não permanece idêntico: falo e, ao mesmo tempo, sou falado: enuncio individualmente, de forma concreta, constituindo-me provisoriamente *um*, ambicionando jamais cindir-me, porém, a cada fala minha posiciono-me distintamente, porque estou falando ora de um lugar, ora de outro, e nesses lugares há interditos, lutas, modos de existir, dentro dos quais me situo, deixando-me ser falado e, ao mesmo tempo, afirmando de alguma forma minha integridade (Fischer, 2001, p.208).

Nos *blogs* são observados esses diferentes posicionamentos das adolescentes. Eles são um espaço de interação constituído majoritariamente por adolescentes das classes média e alta e isso tende a contribuir para a forma como escrevem e o que escrevem.

Além disso, tais discursos precisam ser compreendidos a partir de uma perspectiva histórica, lembrando que eles estão relacionados ao tempo e às condições materiais, tendendo a influenciar na maneira de pensar e de sentir de cada um (Willig, 2001).

### **5.1. Instrumento e procedimento para a coleta de dados**

Segundo Spink e Medrado (2000), os meios de comunicação constituem não apenas um meio poderoso de criar e fazer circular conteúdos simbólicos, mas também “possuem um poder transformador ainda pouco estudado – e, talvez, ainda subestimado – de reestruturação dos espaços de interação propiciando novas configurações aos esforços de produção de sentidos” (p.58).

Coimbra (2001) complementa tal comentário afirmando que os meios de comunicação orientam as pessoas sobre o que pensar, sobre o que sentir; colocam certos temas; e fazem as pessoas crerem que estes é que são os problemas sobre os quais elas devem pensar e se posicionar. Através da ininterrupta construção de modelos de unidade, de racionalidade, de legitimidade, de justiça, de beleza, de cientificidade, os meios de comunicação produzem formas de existir que indicam as pessoas como se relacionarem; “enfim, como serem e viverem dentro de um permanente processo de modelização” (p.2).

A internet é um dos meios de comunicação de maior destaque atualmente, tanto pela velocidade na troca de informações quanto pela ampla área de alcance. Nela existem os *blogs* que são espaços de troca de idéias, impressões e opiniões entre as pessoas. Nesses diários eletrônicos encontram-se discursos diversos, os quais, como

fora comentado, tendem a influenciar e serem influenciados pelo contexto sócio-histórico em que circulam.

Diante disso e tomando como base os objetivos apresentados neste trabalho, utilizou-se como instrumento metodológico os diários eletrônicos, *blogs*.

A seleção dos *blogs* se restringiu ao universo feminino, tendo em vista que são as mulheres as mais atingidas pela “ditadura” da estética, a qual vem, nas últimas décadas, apontando o corpo magro como belo e ideal.

Em um primeiro momento, selecionou-se o *site* [www.blogs.com.br](http://www.blogs.com.br), o qual é considerado o maior guia de *blogs* do Brasil (Wikipédia, 2006). Nesse *site* estão cadastrados aproximadamente 32.730 diários eletrônicos. Depois foram selecionados *blogs* nos quais constavam a palavra-chave **corpo**. Em seguida, foram arrolados especificamente os constituídos por discursos de adolescentes do sexo feminino, na faixa etária entre 10-19 anos<sup>4</sup> que expressassem preocupação em ter ou manter um corpo magro.

Foi coletado um pequeno número de *blogs* levando-se em consideração o critério de exemplaridade, pois, segundo Minayo (1994), a pesquisa social de abordagem qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. Nesse sentido, Silva (2006) complementa:

Em pesquisa qualitativa não se vê como necessário buscar dados num grande número de pessoas ou casos, pois se pressupõe que em cada manifestação de um fenômeno está presente um aspecto invariante, que o define como tal, que faz com que este fenômeno se diferencie de outros e que os procedimentos de pesquisa tratam de desvelar. O critério para busca de dados representativos reside na condição de serem selecionados sujeitos e contextos onde a experiência do fenômeno a ser estudado esteja ocorrendo. Há pesquisas, por exemplo, que relatam a reflexão aprofundada, sobre apenas um caso (p.4).

---

<sup>4</sup> Tomou-se como referência a faixa etária definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual define atualmente os adolescentes como pessoas entre 10 e 19 anos.

Vale ressaltar que, ao optar-se por trabalhar com a circulação de repertórios interpretativos, isto é, com “o conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades de construções discursivas, tendo por parâmetros o contexto em que essas práticas são produzidas e os estilos gramaticais específicos ou *speech genres*” (Spink & Medrado, 2000, p.47) nos meios de comunicação, os registros foram tomados como *documentos de domínio público*: produtos sociais tornados públicos, pois como ensina Spink (2000):

Eticamente estão abertos para análise por pertencerem ao espaço público, por terem sido tornados públicos de uma forma que permite a responsabilização. Podem refletir as transformações lentas em posições e posturas institucionais assumidas pelos aparelhos simbólicos que permeiam o dia-a-dia ou, no âmbito das redes sociais, pelos agrupamentos e coletivos que dão forma ao informal, refletindo o ir e vir de versões circulantes assumidas ou advogadas (p. 136).

Sabendo que existem dois tipos de *blogs*: 1) aqueles de acesso irrestrito; e 2) aqueles de acesso restrito, os quais só podem ser visitados com a autorização prévia do autor, limitamo-nos a coletar *blogs* inseridos apenas na primeira categoria.

## **5.2. Procedimento para a análise dos dados**

Ao considerar os objetivos deste estudo, elegeu-se como método de análise de dados a perspectiva citada por Gill (2002), quem esclarece que Análise do discurso é “o nome dado a uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos, desenvolvida a partir de diferentes disciplinas. Estritamente falando, não existe uma única ‘análise de discurso’, mas muitos estilos de análise, e todos reivindicam o nome” (p.244). Para tal



autora, um modo de dar conta das diferenças entre eles é pensar em tradições teóricas amplas.

Nesse sentido, Gill (2002) aborda três dessas tradições:

1) Uma que possui forte compromisso com a semiótica e com a análise estruturalista, estando bem representada nos estudos de mídia;

2) Outra que foi influenciada pela teoria do ato da fala, pela etnometodologia e pela análise da conversação. Essa tradição, denominada **Discursiva**, “em vez de olhar como as narrações se relacionam com o mundo, elas se interessaram naquilo que estas narrações têm como objetivo conseguir, e perscrutam em detalhe a organização da interação social” (p.246) e,

3) A **Foucaultiana** – associada ao pós-estruturalismo -, a qual parte de uma perspectiva histórica, explorando assim, as formas pelas quais os discursos vêm mudando com o passar do tempo e como isto pode ter moldado as subjetividades históricas.

Willig (2003), assim como Gill (2002), considera que a escolha da perspectiva de Análise de discurso a utilizar deve ser determinada pela questão de pesquisa que se deseja estudar, o que em alguns casos implica optar por trabalhar com duas ou mais perspectivas.

Vale destacar que cada estilo de Análise de discurso apresenta suas peculiaridades. Porém, como afirmam Crespo-Suárez (1991), Parker (1996) e Willig (2003), todos eles compartilham o pressuposto de que a linguagem constitui um elemento central na construção da vida social. Além disso, todos possuem uma base epistemológica ancorada no Construcionismo, o qual apresenta algumas características-chave, tais como:

1) A postura crítica com respeito ao conhecimento dado, aceito sem discussão e um ceticismo com respeito à visão de que nossas observações do mundo nos revelam, sem problemas, sua natureza autêntica;

2) O reconhecimento de que as maneiras como nós normalmente compreendemos o mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas;

3) A convicção de que o conhecimento é socialmente construído, isto é, que nossas maneiras atuais de compreender o mundo são determinadas não pela natureza do mundo em si mesmo, mas pelos processos sociais; e,

4) O compromisso de explorar as maneiras como os conhecimentos – construção social de pessoas, fenômenos ou problemas – estão ligados a ações/práticas (Burr, 1995, citado por Gill, 2002, p.245).

No caso, este estudo tomou como base o enfoque de Análise de discurso sintetizado por Gill (2002), a qual se inspirou em idéias de cada uma das tradições teóricas comentadas na página anterior. Tal enfoque mostra-se coerente com a análise de fala e textos, tendo sido desenvolvido inicialmente em trabalhos da sociologia do conhecimento científico e da psicologia social. Hoje em dia ele vem sendo utilizado por diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da educação e da política.

Assim, destacamos três premissas relacionadas a essa perspectiva metodológica:

1) A compreensão da linguagem como construtiva (criadora) e construída. De acordo com Parker (1996), é fundamental que o analista esteja atento à forma como os eventos são construídos a partir de recursos lingüísticos preexistentes, e também à natureza potencial – conseqüências possíveis – dos discursos.

2) A ênfase no discurso como uma forma de ação. Nesse sentido, Spink e Frezza (2000) afirmam que o discurso é tão produtor de realidade quanto qualquer ação concreta. Ele serve para fazer coisas, tais como: negar, justificar, pedir desculpas e apelar (Crespo-Suárez, 1991; Willig, 2003). Dessa forma, é preciso que o analista de discurso leve em consideração a dimensão performática do uso da linguagem, trabalhando com suas conseqüências amplas e nem sempre intencionais.

3) A convicção na organização retórica do discurso. De acordo com Gill (2002), grande parte do discurso está implicada em estabelecer uma versão do mundo diante de versões competitivas. Assim, “a ênfase na natureza retórica dos textos dirige nossa atenção para as maneiras como todo discurso é organizado para se tornar persuasivo” (p.250).

Vale sublinhar que, mesmo quando o pesquisador discute o contexto ele está produzindo uma versão, construindo o contexto como um objeto. Nesse sentido,

a fala dos analistas de discurso não é menos construída, circunstanciada e orientada à ação que qualquer outra. O que os analistas de discurso fazem é produzir leituras de textos e contextos que estão garantidas por uma atenção cuidadosa aos detalhes, e que emprestam coerência ao discurso em estudo (Gill, 2002, p.256).

Considerando que o processo de analisar os discursos produzidos pelas adolescentes procurou principalmente explicitar, a quem elas estavam se dirigindo, o que diziam e qual sua intenção, nossa análise passou pelas seguintes etapas, baseadas em Parker (1996) e Gill, (2002):

- 1) Leitura e releitura dos *blogs* impressos, até a familiarização com eles;
- 2) Organização de categorias determinadas pelas questões de interesse;
- 3) Definição da(s) função(ões) ou intenção(ões) dos discursos das adolescentes. Tendo claro que **função** corresponde ao discurso enquanto ação, uma vez

que, *na* e *através* da linguagem se produz uma realidade pela reinterpretação dos significados. Assim, de acordo com Pinheiro (2000):

As ações não seriam vistas como consequência de processos ou entidades mentais, mas o interesse da análise está em compreender como as noções mentalizadas são construídas e usadas. (...). No relato, está em foco, portanto, o que a pessoa traz, os argumentos utilizados e a explicação dada para torná-los plausíveis, ou seja, o que ocorre numa dada situação, dentro de uma sequência de atividades (p.185).

4) Definição de um padrão nos dados, tanto no que se refere à variabilidade (diferenças entre as narrações) quanto no que se refere à consistência (semelhanças entre as narrações);

5) Identificação dos contrastes entre os diferentes tipos de falas e as ocasiões em que elas convergem; e,

6) Identificação das maneiras como os discursos são organizados a fim de se tornarem persuasivos.

Desse modo, almejou-se instituir uma compreensão dos dados obtidos articulando o conteúdo expresso pelas adolescentes e o referencial teórico; responder às questões formuladas, bem como, ampliar o conhecimento acerca do assunto pesquisado. Observando, ainda, que as reflexões que foram produzidas constituem um começo, isto é, não são verdades absolutas e sim um olhar que permitirá a construção de novos saberes.

## 6. Discursos de adolescentes preocupadas em conquistar um corpo magro

Neste capítulo foram realizadas as análises de três fragmentos de *blogs* supostamente escritos por adolescentes do sexo feminino, da faixa etária compreendida entre 10-19 anos. Vale ressaltar que, o uso do termo **supostamente** deve-se ao fato de que as informações veiculadas na internet são dificilmente controladas, podendo assim, serem dissimuladas, o que já foi comentado na introdução deste trabalho.

Diante disso, as análises centraram-se especialmente nas temáticas que guardassem uma relação entre corpo, saúde e estética nos discursos selecionados. Também foram feitas algumas pontuações acerca dos comentários realizados por outros “*blogueiros*” nos três fragmentos de *blogs* estudados.

### 6.1. Como as adolescentes se apresentam

A fim de contextualizar o perfil das três adolescentes que escreveram os referidos fragmentos de *blogs*, dispusemos na tabela da página seguinte uma síntese que contempla a idade, a altura, o peso, a meta, o que cada uma gosta e não gosta de fazer.

Destacando que uma delas se restringiu a mencionar idade, peso e país onde mora. As três adolescentes são brasileiras e utilizam codinomes.

Tabela 1: Perfil das adolescentes

| <b>Codinome<sup>1</sup></b> | <b>Ana Blood Tears</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <b>Anne Brito</b>                                 | <b>Princesinha das Trevas</b>                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Idade</b>                | 17                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 19                                                | 17                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Altura</b>               | 1,61m                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | 1,60m<br>-                                        | 1,63m                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Peso</b>                 | 44 Kg                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | 52 Kg                                             | 79,850 Kg                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Meta</b>                 | “quanto menos melhor ou até o peso que eu continuar viva”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | 30 Kg                                             | 47 Kg                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>O que gosta</b>          | “Música, filmes, ficar sozinha, meus poucos amigos, usar preto, coturnos, maquiagem pesada, noite, sangue, loucura, anorexia, gritar, fazer os outros rirem, meu cabelão, meus olhos verdes, piercing, pentagrama, incenso, Idade Média, Trovadorismo, cruxifixos, tristeza, rosas vermelhas, dormir de dia e ficar a noite acordada, MSN, Internet, estudar biologia, fotos góticas, quando lembram-se de mim por algum motivo, animais”.                                                      | Namorar, sexo, MSN, internet, gatos de estimação. | “ouvir música, falar [muita] besteira, ler, MSN, meus amigos, ficar na net, meu celular, ficar sozinha, assistir a filmes, emagrecer, meus olhos, tirar fotos, fazer montagens”                                                        |
| <b>O que não gosta</b>      | “Forró; axé; pagode; funk; sertanejo; gordas que se acham; que fiquem me encarando na rua como se eu fosse um sei lá o que; comida; hipócritas; cínicos; festas tipo Natal e Ano Novo; o uso de cobaias em laboratórios; consumo de carne; pattys; coisinhas coloridas e cutes; pessoas que se rotulam góticas só pelo fato de ouvir Evanescence (que nem é estilo gótico); roupas de marca (aquelas em que a pessoa parece um letreiro de propaganda ambulante); pessoas sem personalidade...” | -                                                 | “engordar, me sentir culpada, sentir ciúmes, ter que esperar, pessoas que se metem onde não são chamadas, ficar sem net, feriado, levar foras, me sentir impotente, chorar na frente dos outros, ser uma vaca gorda, pessoas pedantes” |

Como pode ser observado, as três adolescentes almejam atingir ou manter um Índice de Massa Corporal (IMC) sugerido pela Organização Mundial da Saúde (OMS)

<sup>1</sup> Os codinomes de **Ana Blood** e **Anne Brito** fazem referência à anorexia

abaixo da média<sup>2</sup>. Percebe-se também algumas semelhanças entre os perfis de Ana Blood e da Princesinha das Trevas: ambas compartilham o gosto pela música, pela internet e pelo MSN. Dizem adorar os próprios olhos e comentam que apreciam estar com os amigos, mas também contemplam a solidão.

No tocante às diferenças, nota-se que Ana Blood e a Princesinha das Trevas se posicionam de modos distintos frente ao tópico “o que não gosto”. Dessa forma, a Princesinha das Trevas destaca comportamentos e sentimentos próprios: “não gosto de engordar”, “não gosto de **me** sentir culpada”, ao passo que Ana Blood salienta as preferências musicais dela e os comportamentos de outrem: “não gosto de forró, de axé”, “não gosto que **fiquem** me encarando na rua como se eu fosse um sei lá o que” [grifos nossos].

## 6.2. Os fragmentos de *blogs*

Enfatizamos que foi realizada a leitura completa dos três *blogs* das adolescentes cujos discursos foram aqui analisados. No entanto, como verificamos que as meninas escreviam sobre os mesmos assuntos; ou seja, as informações delas repetiam-se persistentemente ao longo de seus *blogs*, tornando-se redundantes, optamos por analisar os fragmentos dos *blogs* em vez de fazê-los integralmente. Assim, elas abordavam sempre a temática do corpo vinculada à preocupação em ter ou manter um corpo magro, bem como as estratégias que elas utilizavam para alcançar tal objetivo, nos seus respectivos diários. Para que o leitor possa ter uma noção mais clara das análises desenvolvidas, exibimos a seguir os três fragmentos de *blogs* que foram estudados.

---

<sup>2</sup> Segundo a OMS, o índice de Massa Corporal (IMC) é uma fórmula que indica se a pessoa está acima do peso, se está obesa ou abaixo do peso ideal considerado saudável. A fórmula para calcular o Índice de Massa Corporal é:  $IMC = \text{peso}/(\text{altura})^2$ . Tomando como base essa fórmula, a pessoa que estiver com o índice abaixo de 18,5 estará abaixo do peso.

### Ana Blood Tears<sup>4</sup> (06.02.2006)

Então gente, fui no médico quinta-feira. Vou continuar a tomar o Prozac e o louco deixou que eu continuasse com a formula de emagrecer/Só que estou dando uma maneirada nesse ultimo. Estava me dando Hipertensão pulmonar, agora só tomo em casos extremos. Minha mãe marcou dois psicólogos para mim. Psiquiatras na verdade. Vê se pode. Até parece que estou em estado terminal. Falei”para me internar numa clinica logo de uma vez. Um ficara encarregado da parte psicológica e outro dos remédios. Tenho dó da minha mãe e dos médicos, pois como disse se for para curar e ficar uma bola, prefiro passar o resto da vida anorexica depressiva. Mas magra e usando o que quero. A consulta do que vai cuidar da parte psicológica é na quinta..aiai..mais uma perca de tempo e de dinheiro.

### Anne Brito<sup>5</sup> (20.06.2006)

bom, quem me conhece sabe q eu não passei muito tempo com o almoço de sábado no estômago né xD

poisé, miei tudinho... como resultado, o céu da minha boca tá machucado =X

aí eu comi 1 beijinho o resto do dia todo xPPP

bom, domingo eu almocei uma porção de peito de frango assado +- do tamanho de uma colher de sopa rasa =)

e comi tbm uma fatia de um pão de ló da minha ma~e que leva bem pouquinho açúcar e não leva manteiga \o/

e ontem eu almocei 2 colheres de arroz com feijão (150 cal numa refeição x~~~ ), e jantei nescau light ¬¬

hj eu espero ir melhor q isso, foi só mesmo pq o feijão tava com uma cara tão boa... (e o gosto não ficaa pra trás não xD )

bom, foi isso =PPP

tou usando a cinta toda noite, e comprei um total shape pra mim \o/

---

<sup>4</sup> Codinome da autora do *blog* cujo endereço eletrônico é: [www.blood-tears.zip.net](http://www.blood-tears.zip.net).

<sup>5</sup> Codinome da autora do *blog* cujo endereço eletrônico é: [www.thin\\_forever.bravelog.com](http://www.thin_forever.bravelog.com).



a bundchen (uma amgã ana, calma =P ) usou um e postou q funcionava - pelo menos um pouco - e como pra mim pouco é melhor q nada... xD

até pq eu consegui de 25 conto hihhi xD (isso já com o frete... sei lá, é mais barato q academia =X )...

### **Princesinha das Trevas<sup>6</sup> (28.06.2006)**

#### **INVEJA**

Eh esse o sentimento que tenho a Anne conseguiu achar a palavra perfeita eh horrível ter que admitir invejar alguém mas essa inveja tem me feito bem...passei o dia todinho sem comer, sem me torturar na verdade, fiquei com uma verdadeira repulsa por comida eu não tava pensando em fazer NF hj, foi espontâneo cada vez que eu chegava perto da comida me dava nojo, lembrava da comparação que eu coloquei no post anterior e largava o que eu tivesse de comida na mão resultado: quase 24h sem comer, desde 1 hora da manhã de ontem que não como fui estudar pro vestibular...faço faculdade, mas quero transferir meu curso pra Universidade Estadual, pra cortar gastos. dezembro faço a prova!dancei muito hoje, sempre que a foto dela me vinha na lembrança, ia pro meu quarto dançar...iria fazer caminhada, não fosse pela incompetente da empregada não ter lavado sequer 1 par de meias. a caminhada fica pra hj, mais tarde!Vou rever minhas amigas no meu ex-colégio, vou a ortodontista apertar o maldito aparelho se td der certo, tiro essa porcaria de metal em janeiro. Yeahhh to felizona, meninas sem noção vou continuar assim pq eu quero e vou chegar a minha meta: a bela magreza!

### **6.3. Analisando os fragmentos de *blogs***

#### **6.3.1. *A conquista de um corpo magro em detrimento da saúde***

Dos três fragmentos de *blogs* analisados sobressai uma grande categoria que engloba as relações corpo/saúde e corpo/estética. Os discursos estudados giram em torno, principalmente, da conquista de um corpo magro sem importar as complicações de saúde.

---

<sup>6</sup> Codinome da autora do *blog* cujo endereço eletrônico é: [www.anashelp.blogspot.com](http://www.anashelp.blogspot.com).

No caso de Ana Blood Tears, ela apresenta um Índice de Massa Corporal (IMC) abaixo da média – segundo os critérios da OMS -, e continua a utilizar medicamentos para emagrecer, mesmo depois de eles terem lhe causado hipertensão pulmonar. Além disso, a adolescente comenta: “Se for para curar e ficar uma bola, prefiro passar o resto da vida anoréxica depressiva”.

Destaca-se, porém, que apesar de Ana Blood se preocupar com a magreza, chegando a colocar a saúde em segundo plano, não a negligencia totalmente, tomando assim certos cuidados, tais como: fazer visitas ao médico diante da insistência materna, usar medicamento antidepressivo (Prozac) e moderar no uso de fórmulas – medicamentos - para emagrecer devido aos efeitos colaterais que elas acarretam.

Ressalta-se que esses cuidados só passaram a fazer parte do cotidiano de Ana Blood quando ela adoeceu. O que vem a corroborar o posicionamento de Gadamer (1994), segundo o qual,

enquanto que a doença chama a nossa atenção pela sua presença, a saúde não desperta nosso interesse, ficando escondida (...) A ciência médica teria de ser resposta como ciência da doença, porque é o estado de doença que, aparecendo, produz um sentimento de perigo e estimula uma resposta terapêutica (p.927).

Porém, pessoas que apresentam sintomas relacionados à anorexia – como Ana Blood – dificilmente procuram ajuda médica espontaneamente, e quando o fazem, geralmente a saúde já está bastante abalada (Buckroyd, 2000).

Concernente aos discursos de Anne Brito, observa-se que a preocupação com o culto ao corpo afeta a saúde, e mais especificamente, a nutrição da adolescente.

A fim de conquistar um corpo magro, Anne não apenas realiza uma dieta bastante restritiva - como consumir 130 calorias durante um dia inteiro, ao passo que a

Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia<sup>7</sup> recomenda um consumo calórico diário médio não inferior a 1200kcal quando se objetiva emagrecer. Também diz usar uma cinta modeladora e mais recentemente esteve comprando um aparelho para praticar exercícios físicos.

Anne aponta fazer uma dieta tomando como base o número de calorias consumidas diariamente. Ela não parece se preocupar com o valor nutricional dos alimentos, mas sim com a quantidade de calorias que ingere. Como exemplo disso, ela comenta que passou um dia inteiro tendo comido um docinho do tipo beijinho, o que indica uma alimentação carente tanto em calorias como em nutrientes, tendo em vista que tal alimento possui em média 82Kcal e porções de carboidrato, proteína e gordura inferiores às que são indicadas pela OMS<sup>8</sup>.

Anne geralmente realiza uma ou duas refeições diárias, diferente do que é sugerido pela maioria dos nutricionistas e dos endocrinologistas<sup>9</sup>, segundo os quais é preciso se alimentar pelo menos três vezes por dia para que se possa ingerir a quantidade de nutrientes e de calorias necessárias.

E quando a referida adolescente não controla a quantidade de calorias consumidas, passa a recorrer ao método purgativo de auto-indução de vômitos, habitualmente utilizado por pessoas com sintomas de bulimia e que pode acarretar problemas de saúde, sobretudo no sistema digestivo (Cordás, 1998).

Assim como Ana Blood e Anne Brito, a Princesinha das Trevas - que declara estar com sobrepeso -, também almeja conquistar um corpo magro. Para tanto, ela não apenas dança e caminha, como também recorre ao NF (*No Food*), o que implica em

---

<sup>7</sup> Ver no site: [http://www.endocrino.org.br/oqtrata\\_009e.php](http://www.endocrino.org.br/oqtrata_009e.php).

<sup>8</sup> Informações obtidas no site: [www.parmalat.com.br](http://www.parmalat.com.br).

<sup>9</sup> Ver no site: [http://www.endocrino.org.br/oqtrata\\_009e.php](http://www.endocrino.org.br/oqtrata_009e.php).

passar horas e até dias sem ingerir qualquer alimento, prejudicando a saúde. Pois uma vez sem se alimentar, o corpo passa a apelar para fontes de energia provenientes do fígado, diminuindo, o metabolismo basal do organismo.

Vale ressaltar que, as três adolescentes desenvolvem um discurso emagrecedor, porém, a forma como cada uma se posiciona diante de tal discurso varia. Ana Blood e Anne Brito parecem vivenciar a conquista de um corpo magro de modo automático, como se já tivessem incorporado de maneira irrefletida aquela rotina que engloba contagem de calorias, uso de medicamentos para emagrecer, prática de exercícios físicos, entre outros.

O discurso da Princesinha das Trevas mostra-se mais conflitivo, imbuído de emoções e sentimentos: a todo instante ela alterna sofrimento e evocações a sua auto-estima. O desejo de ela conquistar um corpo “perfeito” apresenta-se vinculado ao sentimento de inveja que possui em relação ao corpo de uma ex-namorada de um “paquera” dela. Sendo essa inveja encarada de modo ambíguo, tendo em vista que afirma ser horrível ter que admitir invejar alguém e ao mesmo tempo comenta que tal sentimento tem lhe feito bem, ao passo que se sente estimulada a conquistar um corpo magro – o que parece fundamental para ela, que tende a vincular a auto-estima à aparência física.

Nos seus *blogs*, a Princesinha das Trevas e Ana Blood exibem fotos de manequins, modelos e atrizes veiculadas na mídia, cujos corpos são considerados por elas belos e ideais. O que converge com o posicionamento de Dias (2000), segundo o qual, muitas adolescentes, para se aceitarem melhor, buscando construir seus corpos à imagem de manequins e atrizes apresentados nos meios de comunicação, passam a negligenciar a alimentação.

### 6.3.2. As intenções dos discursos das adolescentes

Os discursos são produzidos a fim de realizar coisas. Seja para justificar, seja para pedir desculpas, ou para qualquer outra ação. O discurso possui uma finalidade. Nos discursos aqui analisados observa-se que todos apresentam em comum a função de compartilhar as rotinas das “*bloqueiras*” com outros “*bloqueiros*”, especialmente com aqueles que já acessaram os *blogs* delas em outros momentos.

Nesse sentido, ao utilizar a expressão “Então gente”, Ana Blood transparece a idéia de que está dando continuidade ao que escreveu em outros dias e que leitores já estão familiarizados com o *blog* dela.

E quando ela comenta: “Vou **continuar** a tomar o Prozac” e “o louco deixou que eu **continuasse** com a fórmula de emagrecer” [grifos nossos], pressupõe-se que ela já referenciou o uso do antidepressivo Prozac e da fórmula para emagrecer em outros momentos.

Também pode se levantar a hipótese de que Ana Blood tenha como leitores de seus *blogs* pessoas que tomam o mesmo antidepressivo que ela, uma vez que faz alusão ao Prozac sem explicitar o que é, sugerindo que os leitores saibam o que é e para o que é usada tal medicação.

No caso de Anne Brito, quando ela comenta: “quem me conhece sabe q não passei muito tempo com o almoço de sábado no estômago né XD”, fica explícito possuir um público leitor que acompanha o diário dela. E no trecho em que a adolescente utiliza o artigo feminino definido: “tou usando **a** [grifo nosso] cinta toda noite” tem-se a impressão que ela mencionou tal cinta em outras “postagens”. Portanto, os leitores já sabem a qual cinta ela se refere.

Vale salientar que a rotina compartilhada entre as “*blogueiras*” apresenta-se principalmente envolvida pelo objetivo de conquistar um corpo magro. A Princesinha das Trevas é a única que partilha outros interesses e planos além daquele pautado na busca pelo corpo esbelto. Os trechos abaixo ilustram alguns desses planos:

fui estudar pro vestibular...facio faculdade, mas quero transferir meu curso pra Universidade Estadual, pra cortar gastos. Dezembro faco a prova!

Vou rever minhas amigas no meu ex-colégio, vou a ortodontista apertar o maldito aparelho se td der certo, tiro essa porcaria de metal em janeiro.

Os discursos das adolescentes também são usados para incentivar outros “*blogueiros*” a alcançarem o mesmo objetivo que elas apresentam, bem como para fortalecer os laços de amizade entre eles.

No fragmento em que Anne Brito afirma: “comprei um total shape pra mim \o/ a bundchen (uma amgia ana, calma = P) usou um e postou q funcionava – pelo menos um pouco – e como pra mim pouco é melhor q nada...xD”, tem-se a impressão que ela comprou um aparelho específico para fazer exercícios por recomendação de uma outra “*blogueira*” defensora da anorexia - uma “amiga ana”<sup>10</sup> -, como elas se denominam – a qual possuindo o mesmo objetivo de conquistar um corpo perfeito, pode inspirar confiança.

Nesse sentido, vale sublinhar que essas adolescentes procuram um grupo de “iguais” a fim de compartilharem idéias semelhantes, de se identificarem. Como referem Schoen-Ferreira *et al* (2003), apesar dos pares exercerem forte influência na vida dos adolescentes, estes não “caem” aleatoriamente num grupo de amigos ou num

---

<sup>10</sup> Essa “amiga ana” apresenta o codinome “bundchen”, o qual relaciona-se à modelo internacional Gisele Bundchen, cujo corpo, constantemente veiculado nos meios de comunicação, é considerado pela adolescente como ideal.

relacionamento amoroso, uma vez que tendem a escolher amizades que sejam como eles próprios, influenciando-se mutuamente, tornando-se mais parecidos.

Segundo Macedo (2005), a forma como cada pessoa lida com determinado fenômeno social está vinculada aos elementos peculiares e particulares das experiências dela nos grupos sociais onde circula. Assim, existe, de acordo com tal autora, uma cultura massiva, globalizada, mas também uma cultura particular, de pertencimento a grupos que informa sobre os modos como as pessoas lidam com determinado fenômeno social.

Especificamente no caso de Ana Blood, observa-se que em alguns momentos ela apresenta uma necessidade de justificar para os “*blogueiros*” os cuidados que ela está tendo com a saúde.

No trecho: “Vou continuar tomando o Prozac e o louco deixou que eu continuasse com a fórmula para emagrecer/Só que estou dando uma maneirada nesse último. Estava me dando hipertensão pulmonar, agora só em casos extremos”, ela explica que não vai parar de usar a fórmula para emagrecer, mas vai fazê-lo com parcimônia, uma vez que sofreu conseqüências negativas ao consumir tal fórmula.

E quando a adolescente comenta: “Minha mãe marcou dois psicólogos para mim. Psiquiatras na verdade. Vê se pode. Até parece que estou em estado terminal”, nota-se que ela vai se consultar com psiquiatras apenas porque a mãe marcou as consultas, pois não concorda com a genitora e acredita que ela está exagerando.

Nos dois exemplos supracitados se observa que Ana Blood dá a impressão que não se sente tão doente como a mãe dela avalia que ela está.

Já Anne Brito se preocupa em justificar a ingestão de alimentos que poderiam ou podem burlar o objetivo dela de conquistar um corpo perfeito, como nos trechos: “comi

tbm uma fatia de pão de ló da minha mãe que leva bem pouquinho açúcar e não leva manteiga” e “Almocei 2 colheres de arroz com feijão (150 cal numa refeição X---) [...] foi só mesmo pq o feijão tava com uma cara tão boa...(e o gosto não fica pra trás não XD)”.

No primeiro trecho transcrito, Anne menciona que comeu um pão de ló específico, o qual não possui ingredientes comumente utilizados no preparo desse tipo de alimento, e que são tidos como “vilões” de muitas dietas emagrecedoras propagadas nas sociedades ocidentais. O que converge com o posicionamento de Castro (2005), segundo o qual, nas sociedades ocidentais capitalistas contemporâneas é freqüente mencionar que para se obter um corpo belo, muitas vezes, são necessárias restrições alimentares, quando é permitido comer apenas o que é imposto como correto e emagrecedor, excluindo alimentos saborosos, porém, “ofensivos” a silhueta.

Já no segundo trecho, Anne sugere a idéia de que cometera um erro ao comer feijão, mas que tal “deslize” poderia ser justificado dado o visual e o sabor de tal alimento que parecia irresistível.

Particularmente no caso da Princesinha das Trevas, é desenvolvido um discurso que serve para mostrar aos leitores e para ela mesma que existem outros “afazeres” além de comer, como estudar, por exemplo.

### *6.3.3. Os contrastes entram em cena*

Os discursos apresentam não apenas coerências, mas também contrastes. No discurso de Ana Blood, por meio da expressão “fórmulas para emagrecer” depreendemos a adesão da adolescente a um saber médico. No entanto, a figura



socialmente reconhecida e que legitima essa prática, o médico, é adjetivado de “louco”. E como apontam Morant e Rose (1998), as representações acerca do louco e da loucura são múltiplas, porém, sempre cercadas por valorizações negativas, carregadas de estereótipos e preconceitos, sendo a representação de louco, muitas vezes associada a uma imagem de ameaça ao convívio social.

Ana Blood também realça que o médico permite que ela continue com a medicação que fez mal à saúde dela, porém, deixa claro que está “maneirando na medicação”, que só a utilizará em casos extremos, sugerindo a idéia de controle que ela supostamente tem sobre a própria situação.

De modo geral, os contrastes observados nos discursos de Anne Brito são menores. A adolescente apresenta-se segura de seus objetivos e dos meios que utiliza para alcançá-los. No entanto, quando ela comenta ter comprado um aparelho para fazer exercícios físicos, aponta primeiro que ele funciona, depois fala que funciona pelo menos um pouco e, finalmente, demonstra não estar segura quanto à eficácia dele. Ressalta que o mesmo custou 25 reais, incluindo o frete, sugerindo que, caso não funcione, não ficaria decepcionada, uma vez que fora adquirido a uma quantia inferior a uma mensalidade de academia.

Já no que diz respeito aos discursos da Princesinha das Trevas, observa-se que ela é, como já referenciado, a única adolescente que comenta e compartilha planos e objetivos distintos daqueles relacionados à conquista de um corpo magro. Entretanto, ela muda a pauta do discurso, ora falando sobre os estudos, ora sobre os planos de transferir o curso para outra universidade, mas logo retorna para o discurso emagrecedor, relatando que dançou e que iria caminhar ainda naquele dia.

Assim, até chegar à conclusão do fragmento, a adolescente alterna o discurso emagrecedor com outros planos e objetivos, dando-se a impressão que ela quer mostrar a si mesma e ao leitor que existem também atividades diferentes daquelas ligadas à meta de conquistar um corpo “perfeito”. Mas a todo o momento ela retoma a busca dessa meta, evidenciando o contraste em seu discurso.

#### 6.3.4. *As diferentes maneiras de se convencer os “bloqueiros”*

Gill (2002) comenta que os discursos são organizados de modo a se tornarem persuasivos. No caso dos fragmentos estudados, tanto Ana Blood quanto Anne Brito apresentam discursos que tendem a ser perpassados por segurança e determinação, contribuindo para persuadir os leitores.

Nesse sentido, Ana Blood mostra-se segura do que almeja, parece estar convicta das conseqüências que o uso de medicamentos possa lhe trazer, mas continua recorrendo a eles porque o principal objetivo dela é emagrecer. Ela também expressa que a anorexia pode desencadear depressão, mas prefere estar depressiva, anoréxica e magra, do que engordar.

Anne Brito também se apresenta convencida do que almeja e para alcançar as metas dela realiza dietas restritivas, usa cinta modeladora e nos momentos em que ingere uma quantidade maior de calorias recorre ao método purgativo de auto-indução de vômitos. Vale destacar que esta possui um *link* no próprio *blog* que possibilita acesso

imediatamente a uma seção que ela mesma criou denominada Frequently Asked Questions (FAQ mianna)<sup>11</sup>, onde se posiciona como uma “autoridade” na temática.

Nesse espaço ela responde dúvidas acerca da bulimia, da anorexia e de como emagrecer. Ressaltando que as respostas parecem ter um embasamento científico, pois faz referência ao CID<sup>12</sup>, tendo ainda um cunho de advertência. Por exemplo, não se comenta apenas o que significa “miar”<sup>13</sup>, mas que consequências isso pode gerar para a saúde. Assim, pode-se notar que a forma como Anne Brito lida com o corpo e com a saúde está permeada por racionalizações bem elaboradas por ela. Pois, a mesma mostra saber quais são os possíveis males causados pelos métodos que pratica, mas opta por mantê-los, se mostrando sob controle da situação.

Retomando aos discursos de Ana Blood, observa-se que a adolescente recorre ao saber médico a fim de legitimar os atos que pratica, tornando seu discurso mais persuasivo. Nesse sentido, quando a autora afirma ter ido a um médico, o qual “deixou” que ela continuasse a usar a fórmula para emagrecer, parece dividir ou até mesmo atribuir a ele a responsabilidade de tal prática. Lembrando Martins e Bertolossi (2006), segundo os quais, a figura do médico tende a ser respeitada pela sociedade, o que é reforçado por Bonato (1996):

Michel Foucault considerou a medicina um dispositivo de saber/poder que, desde o final do século XVIII, na Europa, investiu sobre o corpo do homem e as populações, utilizando técnicas de sujeição como a disciplina, caracterizada pela vigilância hierárquica, controle do tempo, das atividades; a sanção normalizadora que qualifica uma identidade normal/anormal, determinando comportamentos; e o exame-confissão que permite classificar, punir, rotular, instituindo um biopoder sobre o corpo do homem (p.80).

---

<sup>11</sup> Perguntas feitas freqüentemente.

<sup>12</sup> Código Internacional de Doenças.

<sup>13</sup> Termo utilizado pelas adolescentes para se referir ao ato de vomitar.

Com relação aos discursos de Anne Brito, nota-se que no trecho em que a adolescente comenta que comprou um aparelho para fazer exercícios físicos por recomendação de outra “amiga ana”, há também uma tentativa de persuadir outras leitoras defensoras da anorexia de que tal aparelho funciona, uma vez que ele fora utilizado por uma pessoa que apresenta os mesmos objetivos que elas, e que, portanto, merece confiança.

Finalmente, com relação à Princesinha das Trevas, salienta-se que em alguns momentos a adolescente apresenta discursos que tendem a ser perpassados por uma melhora na auto-estima, a qual se mostra fundamentalmente vinculada à aparência física. Dessa forma, a autora dá a entender que os métodos utilizados por ela para conquistar um corpo belo e magro, a exemplo da prática de jejuns periódicos - que é considerada como prejudicial à saúde -, podem ser justificados pelo fato de ela sentir uma melhora na auto-estima.

Essa noção de auto-estima pautada principalmente na aparência física parece fazer parte não apenas da subjetividade da Princesinha das Trevas, como também das subjetividades de Ana Blood e de Anne Brito. Nesse sentido, vale ressaltar que a auto-estima e os valores de cada pessoa têm a ver não apenas com as influências que recebe de pequenos grupos onde circula, mas também com questões ideológicas. Sendo pertinente referenciar Gonçalves (2002):

da práxis humana e dos modos dela decorrentes de coexistência entre os homens criam-se formações ideológicas, que impregnam sua maneira de ser. Assim, podemos compreender como as formas alienadas de o homem sentir e pensar, no mundo contemporâneo, são como que penetradas pelo tecido econômico que se tornou, no sistema capitalista, o prisma a partir do qual as coisas mundanas fundam seu sentido. Essas formas estão in”corpo”radas em seu ser e encerram todas as distorções e os tipos de alienação do homem contemporâneo, que se manifestam tanto nas relações inter-humanas, nas relações com a natureza e com a cultura, como nas formas de o homem lidar com seu corpo (p.177).

Dessa forma, nota-se que os discursos analisados apresentam-se perpassados por valores mundanos, os quais tendem a vincular a aparência ao bem-estar e à realização.

#### 6.3.5. Comentários “postados” por outros “blogueiros”

Como discutido no capítulo quatro, os *blogs* constituem um espaço onde os “*blogueiros*” podem escrever e depois receber comentários (denominados geralmente de *comments*) de outras pessoas,. Nesse sentido, verificou-se que tanto o fragmento de Ana Blood como o fragmento de Anne Brito receberam sete comentários, ao passo que o da Princesinha das Trevas recebeu dois. Quinze dos dezesseis *comments* foram escritos por adolescentes que compartilham com Ana Blood, Anne Brito e a Princesinha das Trevas o mesmo objetivo.

No entanto, vale sublinhar que as autoras dos *blogs* têm o poder de vetar qualquer comentário antes que ele venha a ser publicado. Dessa forma, pode-se levantar a hipótese de que alguém tenha escrito algum comentário que divergisse do ponto de vista das “*blogueiras*” e elas os “barrou”. Inclusive, no Orkut da Princesinha das Trevas ela adverte que não adiciona pessoas que discordem da concepção dela quanto à anorexia e à bulimia.

Assim, a seção de comentários, que em princípio poderia funcionar fundamentalmente como um espaço de diálogo, de troca de posicionamentos entre escritores e leitores, talvez represente para as “*blogueiras*” somente um eco de suas próprias vozes. Os elogios e apoios parecem exercer a função de confirmar e aumentar o poder discursivo das “*blogueiras*”, fazendo com que estas continuem a escrever e a

trilhar o caminho na conquista do corpo magro, motivadas, muitas vezes, pela força de suas próprias vozes ouvidas nos discursos dos outros, que são os leitores.

Nos *blogs* de quase todas as adolescentes que escreveram comentários são sugeridas diversas maneiras de se emagrecer e possuir um corpo perfeito, dentre elas: “miar” após a ingestão de qualquer alimento, calcular a quantidade de calorias de modo a não ultrapassar a cota diária estabelecida pelas próprias adolescentes, ou até mesmo parar de comer, como sugere a figura exposta na página principal do *blog* de Anne Brito, a qual registrou um comentário no diário de Ana Blood.



Figura extraída do *blog* de Anne Brito.

De acordo com Cordás (1998), alguns comportamentos como os supracitados são tipicamente apresentados por pessoas que vivenciam transtornos alimentares, a exemplo da anorexia e da bulimia.

Como Recuero (2005) menciona, adolescentes com tais comportamentos, tendem a ocultá-los de pessoas que não os possuem, uma vez que não são comumente aceitos. Todavia, quando esses adolescentes encontram pessoas que compartilham os

mesmos comportamentos alimentares que eles, passam a interagir, a trocar informações, a apoiar e a cooperar uns com os outros - muitas vezes através dos *blogs* -, tendo em vista que esses adolescentes tentam se afirmar nos seus valores, procurando um público que concorde com eles.

Quanto às meninas que teceram comentários a respeito do fragmento de *blog* de Anne Brito, elas se dizem insatisfeitas com os próprios corpos e fazem alusão aos transtornos alimentares como estilos de vida.

Observa-se também que há um forte laço de amizade entre elas, pois trocam dicas sobre estratégias de emagrecimento, como em: “Ei a sua mãe devia fazer as receitas com adoçante para cozinha, não modifica nada o gosto e diminui as calorias” (Mickaella), e oferecem suporte umas às outras, como no trecho abaixo transcrito:

foi mt mt bom clicar no link de seu blog e ver q continua aki firme e forte pq mts dos outros blogs q estavam no meu nos quais tntei entrar quase nm um existia ainda!! espero poder cntar cm vc tb, spero q possamos trocar dicas e discutir sobre tdOo mais estou d vlta pro perfeCt mundOo da anna e agra he de vez cm td a ctz ^^ (I’m so fat).

A necessidade de contato entre elas é frequentemente reafirmada nos comentários realizados. Pois como afirma Recuero (2005): “As pró-anas e pró-mias são generosas e suportam umas às outras com carinho, cooperando para que todas atinjam seus objetivos, deixando recados nos blogs e fazendo promessas umas às outras” (p.8).

Destaca-se que no *blog* de uma dessas adolescentes, autodenominada “Tia Marge”, são apresentados vários *links* relacionados à anorexia e à bulimia, tais como: Anna vs. Compulsão, Anorexia n é 1 doença, é 1 estilo de vida, Pro Anorexia Paradise e Pro-Ana Nation. E no *blog* de I’m so fat<sup>14</sup> são expostas fotos – a exemplo das duas

---

<sup>14</sup> Codinome da autora do blog cujo endereço eletrônico é: [www.anaminhavida.zip.net](http://www.anaminhavida.zip.net).

reproduzidas abaixo -, de mulheres cujos corpos são anoréxicos e considerados por ela ideais.



Fotos retiradas do *blog* de I'm so fat.

Já Ludy<sup>15</sup> indica no *blog* dela o endereço do próprio Orkut, onde estão apresentadas comunidades referentes à anorexia, tais como: Pró-Ana/Mia, Anorexic Beauty, Pró Anna Gorda, Dane-se eu faço dietas malucas e (pro)Ana-Mia, sim senhor!!! Destaca-se que na página inicial desta última comunidade o moderador afirma:

Essa é pra todos que fazem verdadeiras loucuras para emagrecer e sabe bem o que está fazendo e está cansado de que dizem para se tratar ou que isso não é vida!!!

Para todos que sabem que a vida é uma ilusão que ã pode ser “vivida” como ã queremos !! De um basta nessas pessoas que tentam de oprimir!! Pra você que é Ana, mia ou pro. Seja bem vindo!!

Infere-se que o comentário supracitado corrobora os pontos de vista de Ana Blood e de Anne Brito, as quais se mostram convictas do que almejam e parecem saber o que estão fazendo para atingir os objetivos delas.

---

<sup>15</sup> Codinome da autora do *blog* cujo endereço eletrônico é: [www.fantasticomundodeludy.blogspot.com](http://www.fantasticomundodeludy.blogspot.com).



Ainda com relação aos comentários feitos no fragmento de *blog* de Anne Brito, ressaltase que em três deles foi expresso o desejo de se adquirir um aparelho de exercícios para modelar o corpo igual ao aparelho que Anne Brito comprou. Principalmente, porque, para elas o aparelho custava “barato” e poderia ajudar no processo de emagrecimento.

Nesse sentido, tais adolescentes unem o preço à utilidade do produto, convergindo com o posicionamento de Garcia (2005), segundo o qual, os meios de comunicação, associados às indústrias farmacêutica, da beleza, da moda e dos produtos denominados “saúdáveis”, promovem todo um mercado de consumo de tais produtos. Dessa maneira, as indústrias, conscientes da busca das pessoas por esse corpo ideal, investem nos meios de comunicação visando aumentar seus lucros.

## 7. Considerações Finais

Chegado o momento de tecer as últimas considerações deste trabalho, temos mais clara a noção de o nosso discurso ser circunstanciado e construído. Acreditamos que os fragmentos de *blogs* aqui analisados podem ser compreendidos sob diversos ângulos e, portanto, receberem leituras multifacetadas.

Destacamos em primeiro lugar, que as três adolescentes cujos discursos foram aqui analisados buscam incessantemente a magreza, o que muitas vezes implica em negligenciar a própria saúde, seja usando inibidores de apetite, seja realizando dietas restritivas, seja provocando vômitos após a ingestão de alimentos, ou seja praticando jejuns periódicos. Esses comportamentos, juntamente com o medo intenso de ganharem peso estão vinculados a transtornos alimentares, intimamente relacionados à questão do corpo, da imagem corporal.

Vale salientar que o fato de termos nos deparado com adolescentes que apresentam sintomas e comportamentos relacionados à anorexia e à bulimia nos fez recorrer também à literatura especializada em transtornos alimentares para que pudéssemos compreender melhor o fenômeno.

No entanto, esclarecemos que não constitui tarefa nossa aprofundar aqui esses distúrbios, os quais, segundo Kaplan, Sadock e Grebb (1997), Herscovici e Bay (1997), Cordás (1998), Buckroyd (2000) e Johnson (2004), desenvolvem-se e mantêm-se devido a um conjunto de aspectos, tanto biológicos, como psicológicos e sócio-culturais.

Nesse sentido, limitamo-nos a debater alguns fatores sócio-culturais que parecem estar imbricados nessa problemática. Pois, como fora discutido no Capítulo 2 deste trabalho, as maneiras como as pessoas lidam, sentem e percebem os seus corpos refletem repertórios interpretativos existentes na sociedade. Assim, os corpos, antes de tudo, passam a existir e a ter sentidos dentro de um contexto social que os constroem, sendo-lhes atribuídas representações, constituídas de sentidos, imagens e significados dentro de um universo simbólico, tornando-se fato cultural.

Diante disso, destacamos que no mundo ocidental capitalista vivencia-se a “onda do corpo”, caracterizada pelos grandes investimentos em torno do aspecto corporal. Trata-se, como comenta Porpino (1997), de uma tendência da atualidade em se preocupar demasiadamente com o corpo, haja vista a proliferação das novas terapias corporais, dos espaços destinados à prática das atividades físicas e da vasta literatura produzida sobre esse assunto.

A Biomedicina, cujos posicionamentos são reforçados pelos meios de comunicação, vem apontando que a conquista de um corpo saudável, muitas vezes, atrelada à obtenção ou manutenção de um corpo magro, é realizada por meio dos esforços e iniciativas individuais.

Além disso, a preocupação em se alcançar um corpo magro parece vinculada à visão de que através dessa conquista, as pessoas encontrem o equilíbrio, a felicidade, melhorando assim, a auto-estima.

Diante desse contexto, cabe a cada um escolher quais métodos deve utilizar a fim de obter um corpo esbelto, seja realizando dietas, seja praticando exercícios físicos, ou, seja se submetendo às cirurgias plásticas. O que nos dá a noção de que o corpo agora é “maleável”, sujeito às mais diversas transformações, negando-se, portanto, a particularidade do corpo de cada um.

Observa-se que esse ideal de corpo vem levando muitas mulheres adolescentes a uma constante insatisfação com seus corpos, visto que a grande maioria não tem a silhueta daquelas mulheres que aparecem na mídia.

Perante tal insatisfação, adolescentes como Ana Blood, Anne Brito e a Princesinha das Trevas, passam a realizar dietas altamente restritivas e/ou a jejuar por períodos prolongados, objetivando emagrecer e, portanto, se sentir aceitas por elas mesmas e pelas outras pessoas, destacando-se que, como discutem Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004), o fracasso em atingir o ideal de corpo magro passa a ser visto socialmente como falta de vontade, preguiça e fraqueza.

No entanto, o que comumente acontece é que pessoas - como as adolescentes deste trabalho - com comportamentos vinculados à anorexia e à bulimia, tendem a ocultá-los de familiares, colegas e amigos que não os possuem, uma vez que como menciona Recuero (2005), não são comportamentos habitualmente aceitos.

Diante disso, essas pessoas que apresentam tais comportamentos passam a procurar grupos com quem se identificam, podendo assim, compartilhar pontos de vista parecidos, de maneira que se sintam acolhidas e não tenham suas auto-estimas abaladas.

No caso deste trabalho, constatamos que as três adolescentes receberam em seus *blogs*, de modo geral, comentários de pessoas que apresentam opiniões semelhantes às delas. São meninas da mesma faixa etária que elas, as quais possuem o objetivo comum de conquistar um corpo magro e que recorrem aos mesmos métodos para alcançar tal meta. O que reforça o fato de que os adolescentes tendem a interagir com um grupo de “iguais” a fim de reafirmarem seus desejos e pontos de vista.

Aqui, os *blogs* parecem funcionar como instrumento facilitador para a reafirmação de valores compartilhados entre as adolescentes, acerca do corpo e da saúde. Os diários eletrônicos são como uma rede de apoio entre as adolescentes que desejam emagrecer. Neles, elas trocam informações sobre como perder peso, fortalecem os laços de amizade entre si e cooperam umas com as outras.

Diante disso, chamamos a atenção para o fato de que existe uma gama de discursos de adolescentes com comportamentos tipicamente apresentados por pessoas que vivenciam transtornos alimentares, a exemplo da anorexia e da bulimia, que são veiculados na internet.

Sendo necessário que profissionais da saúde, como nós psicólogos, estejamos a par do que se passa nos meios de comunicação, especialmente na internet, onde opiniões e concepções são rapidamente divulgadas. Tendo em vista que tais informações tendem a contribuir para construção de discursos e práticas, particularmente dos adolescentes, levando-nos, portanto, a estar mais próximos do público/cliente que poderemos vir a atender.

Por se tratar de um campo ainda escassamente explorado, sugerimos neste estudo que futuros trabalhos, nos quais serão abordadas temáticas aqui elencadas, como: corpo, saúde, estética, adolescência, linguagem, discurso, entre outras, utilizem também

ferramentas típicas do mundo virtual, como os *blogs* e comunidades, a exemplo do Orkut.

## 8. Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. (1981). *Adolescência normal*. 10ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adelman, M. (2003). Mulheres atletas: re-significado da corporeidade feminina [Versão eletrônica]. *Revista Estudos Feministas*, 11(2), 445-465.
- Aguiar, W.M.J., Bock, A.M.B., & Ozella, S. (2001). Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In Bock, A.M.B., Gonçalves, M.G.M., & Furtado, O. (Orgs.), *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (pp.48-60). São Paulo: Cortez.
- Albuquerque, L.M.B. (2001). As invenções do corpo: modernidade e contramodernidade [Versão eletrônica]. *Matriz*, 7(1), 33-39.
- Alves, M.I.M. (2001). *Novela atinge entre 20 e 30 pontos no ibope*. Acesso em 17 de dezembro de 2005, de <http://www.unicamp.br>.
- Andrade, A., & Bosi, M.L.M. (2003). Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino [Versão eletrônica]. *Revista de Nutrição*, 16(1), 117-125.
- Araújo, J.P. (2005). *Invasão de privacidade consentida?* Acesso em 02 de abril de 2006, de <http://www.comunicar.pro.br/artigos/invasprivac.pdf>.
- Assis, S.G., Avanci, J.Q., Silva, C.M.F.P., Malaquias, J.V., Santos N.C., & Oliveira, R.V.C. (2003). A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde [Versão eletrônica]. *Ciência e saúde coletiva*, 8(3), 669-679.
- Bareicha, L.C.F. (2000). *Atores sociais do Distrito Federal e suas representações a respeito dos adolescentes em situação de rua usuários de drogas*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília.
- Besse, S. K. (1999). *Modernizando a Desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940* (L.L Oliveira, Trad.). São Paulo: EDUSP.

- Bigolin, S.E. (2002). Reflexões acerca do corpo frente o processo de adoecimento do trabalhador [Versão eletrônica]. *Revista Contexto e Saúde*, 1(2), 45-62.
- Bohadana, E. (1998). A Unidade primordial: perda ou fantasia? In Jacobina, E., & Kühner, M.H (Orgs.), *Feminino/Masculino no imaginário de diferentes épocas* (pp.13-40). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Boltanski, L. (1989). *As classes sociais e o corpo*. 3ªed. Rio de Janeiro: Graal.
- Bonato, N.M.C. (1996). *Educação [sexual] e sexualidade: o velado e o aparente*. Dissertação de Mestrado. Centro de Educação e Humanidades da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Buckroyd, J. (2000). *Anorexia e bulimia: esclarecendo suas dúvidas*. São Paulo: Ágora.
- Cano, M.A.T., Ferriani, M.G.C., Medeiros, M., & Gomes, R. (2005). Auto-imagem na adolescência. *Revista eletrônica de enfermagem*, 1(1). Acesso em 20 de dezembro de 2005, de <http://www.fen.ufg.br/revista>.
- Carvalho, Y.M. (2001). Corpo e História: O corpo para os gregos, pelos gregos, na Grécia Antiga. In Soares, C (Org.), *Corpo e História* (pp.163-175). Campinas: Autores Associados.
- Carvalho, F.A.T. (2006). *Corpo feminino: expectativas medievais X expectativas atuais*. Acesso em 28 de abril de 2006, de <http://www.saude.rio.rj.gov.br>.
- Castro, A.L. (2005). *Culto ao corpo, modernidade e mídia*. Acesso em 20 de outubro de 2005, de <http://www.multirio.rj.gov.br>.
- Cidade do Conhecimento – USP (2005). *Corpo e História: Ciência, Saber, Poder, Prazer*. Acesso em 24 de setembro de 2005, de <http://www.cidade.usp.br>.
- Citeli, M.T. (2001). Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. [Versão eletrônica]. *Revista Estudos Feministas*, 9(1), 345-370.
- Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. (1993). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Coimbra, C.M.B. (2001). Mídia e produção de modos de existência [Versão eletrônica]. *Psic. Teoria e Pesquisa*, 17(1), 1-4.
- Cordás, T. A. (1998). *Anorexia e bulimia: o que são? Como ajudar? Um guia de orientação para pais e familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Crespo-Suárez, E. (1991). Lenguaje y acción: el análisis del discurso. *Interacción Social*, 1, 89-101. Madrid: Complutense.
- Dias, S. (2000). A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência [Versão eletrônica]. *Psicologia USP*, 11(1), 119-135.



- Erickson, E.H. (1987). *Identidade, Juventude e Crise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Ferreira, S.L. (1998). Saber médico e corpo feminino: a construção científica do conhecimento acerca da menstruação. In Passos, E., Alves, I., & Macedo, M. (Orgs.), *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar* (pp.269-276). Salvador, UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher.
- Fischer, R.M.B. (2001). Foucault e a Análise do Discurso em Educação [Versão eletrônica]. *Cadernos de Pesquisa*, 114(1), 197-223.
- Fischer, R.M.B. (2002). Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, 2(20), 83-93.
- Fischer, R.M.B. (2005). Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura [Versão eletrônica]. *Cad. CEDES*, 25(65), 43-58.
- Foucault, M. (1980). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freitas, M.T.A., & Souza, S.J. (2005). Apresentação. *Cad.Cedes*, 25(65), 5-7.
- Freud, S. (1996). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (V.Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Gadamer, H. G. (1994). *Dove si Nasconde la Salute*. Milano: Raffaello Cortina Editore.
- Garcia, W. (2005). *Corpo, Mídia e Representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Giffin, K.M. (2005). Nosso corpo nos pertence: a dialética do biológico e do social [Versão eletrônica]. *Cadernos de Saúde Pública*, 7(2), 190-200.
- Gill, R. (2002). Análise de Discurso. In Bauer, M.W., & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (P.A.Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Goldenberg, M. (2005). Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas [Versão eletrônica]. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(1), 91-96.
- Gonçalves, M.A.S. (2002). *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. 6ª ed. Campinas: Papirus.
- Hall G.S. (1916). *Adolescence*, (2. vol). New York: Appleton.
- Herscovici, C.R., & Bay, L. (1997). *Anorexia nervosa e bulimia: ameaças à autonomia*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Ibáñez, T. (1994). La construccion del conocimiento desde una perspectiva socioconstrucionista. In M.Montero (Org.). *Conocimiento, realidad e ideologia*. (pp.39-48). Caracas: Asociación Venezolana de Pswicología Social/AVEPSO.
- Illich, I. (1986). *Body History*. Lancet: 1325 – 7.
- Jacobina, E. (1998). Letras em canto-cantigas. In Jacobina, E., & Kühner, M.H (Orgs.), *Feminino/Masculino no imaginário de diferentes épocas* (pp.114-146). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Johnson, C. (2004). Entendendo e tratando os transtornos alimentares. In Rio, L.M., & Rio, T.M (Orgs.), *Diários da anorexia* (pp.171-208). São Paulo: M.Books do Brasil.
- Kahhale, E.M.P., Peixoto, M., & Gonçalves, M.G.M. (2002). A produção do conhecimento nas revoluções burguesas: aspectos relacionados à questão metodológica. In Kahhale, E.M.P.(Org.), *A diversidade da Psicologia: uma construção teórica* (pp.17-73). São Paulo: Cortez.
- Kaplan, H.I., Sadock, B.J., & Grebb, J.A. (1997). O desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital. In Kaplan, H.I., Sadock, B.J., & Grebb, J.A. (Orgs.), *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica* (pp.61-66). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kehl, M.R. (2005). *Com que corpo eu vou?* Acesso em 24 de setembro de 2005, de <http://www.ufrj.br>.
- Kostman, A. (2004). Doença grave incentivada na internet. In *Revista Veja*, 37(6), 90-92. São Paulo: Abril.
- Kühner, M.H. (1998). O espelho em que os rostos se dividem. In Jacobina, E., & Kühner, M.H. (Orgs.), *Feminino/Masculino no imaginário de diferentes épocas* (pp.41-68). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. São Paulo: Papirus.
- Lopes, P.C., & Poli, M.C. (2005). *Os adolescentes e a escrita íntima em blogs*. Acesso em 30 de janeiro de 2006, de <http://www.proceedings.scielo.br>.
- Louro, G.L. (2001). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª.ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Luz, M.T. (2003). *Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais*. São Paulo: HUCITEC.
- Machado, J.R., & Tijiboy, A.V. (2005). Redes sociais virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. *Novas Tecnologias na Educação. CINTED-UFRGS*, 3(1), 1-9.

- Macedo, N.M. (2005). *A apreciação musical infantil: aspectos da constituição da infância contemporânea no discurso de crianças do Ensino Fundamental*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Maia, A. (2004). *Pai, me dá um nariz novo?* Acesso em 17 de dezembro de 2005, de <http://www.noticias.aol.com.br>.
- Marks, D.F., Murray, M., Evans, B., & Willig, C. (2000). *Health Psychology, Theory, Research and Practice*. London: Sage.
- Marthe, M. (2005). Blog é coisa séria. In *Revista Veja*, 38(22), 86-92. São Paulo: Abril.
- Martins, R.B. (1998). Vagas divagações em torno de Eva, Adão e seus descendentes. In Jacobina, E., & Kühner, M.H. (Orgs.), *Feminino/Masculino no imaginário de diferentes épocas* (pp.167-191). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Martins, P.O., Trindade, Z.A., & Almeida, A.M.O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 555-568.
- Martins, A.P.V. (2005). *Visões do Feminino*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Martins, L.C.N., & Bertolossi, L.C. (2006). *Pensamento médico e dinâmica urbana: aspectos sobre a cidade do Rio de Janeiro na metade do século XIX*. Dissertação de Mestrado. Secretaria de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde, COC – Rio de Janeiro:FIOCRUZ.
- Marx, K. (1971). *O Capital*, Livro I , v.1. Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.
- Medrado, B. (2000). Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In Spink, M.J. (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*, (pp.243-271). São Paulo: Cortez.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *A fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Minayo, M.C.S. (1994). *Pesquisa social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mira, M.C. (2003). *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. Acesso em 20 de outubro de 2005, de [www. http://www.pucsp.br](http://www.pucsp.br).
- Mondardo, A.H. (1998). Nem toda mulher quer ser mãe: outros caminhos para a realização pessoal. *PSICO*, 29(2), 107-128.
- Monzillo, M. (2006). *Comunidade online vira mania na web*. Acesso em 29 de janeiro de 2006, de [www.terra.com.br](http://www.terra.com.br).

- Morant, N., & Rose, D. (1998). Loucura, multidisciplinaridade e alteridade. In Arruda, A. (Org.), *Representando a alteridade* (pp.129-136). Rio de Janeiro: Vozes.
- Natansohn, L.G. (2005). O corpo feminino como objeto médico e “mediático”. *Estudos Feministas*, 13(2), 287-304.
- Nogueira, R.P. (2001). Higienomania: a obsessão com a saúde na sociedade contemporânea. In Vasconcelos, E.M. (Org.), *A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede educação popular e saúde* (pp.63-72). São Paulo:HUCITEC.
- Nolasco, S. (1998). Representações masculinas e femininas. In Jacobina, E., & Kühner, M.H. (Orgs.), *Feminino/Masculino no imaginário de diferentes épocas*, (pp.147-157). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Oliveira, A.P. (1998). A paladina (do lar) e a situação da mulher no princípio do século. In Passos, E., Alves, I., & Macedo, M. (Orgs.), *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar* (pp. 189-196). Salvador, UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher.
- Ozella, S. (2002). Adolescência: uma perspectiva crítica. In Contini, M.L.J., Koller, S.H., & Barros, M.N.S (Orgs.), *Adolescência e Psicologia: concepções, prática e reflexões crítica* (pp.16-24). Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Parker, I. (1996). Discurso, cultura y poder em la vida cotidiana. In López, A.J.G., & Linaza, J.L., *Psicologias, discursos y poder* (pp.79-92). Madrid: Gráficas Rogar.
- Pereira, M.E.M., & Gioia, S.C. (2003). Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In Andery, M.A (Org.), *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica* (pp.163-178). Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC.
- Pinheiro, O.G. (2000). Entrevista: uma prática discursiva. In Spink, M.J.P (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano-aproximações teóricas e metodológicas* (pp.161-183). São Paulo: Cortez.
- Polly, V. (2003). O corpo como figurino. In Theml, N., Bustamante, R.M.C., & Lessa, F.S (Orgs.), *Olhares do corpo* (pp.197-207). Rio de Janeiro: MAUAD.
- Porpino, K.O. (1997). O corpo, esse nosso des(conhecido). *Revista da ETERN*, 13(2), 1-4.
- Recuero, R.C. (2005). Comunidades em redes sociais na internet: um estudo de uma rede pró-ana e pró-mia. Acesso em 02 de abril de 2006, de <http://www.pontomidia.com.br/raquel/chile2005.pdf>.
- Rodrigues, J.C. (1999). *O corpo na história*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Roso, A. (2000). Ideologia e relações de gênero: um estudo de recepção das propagandas de prevenção da AIDS [Versão eletrônica]. *Cad. Saúde Pública*, 16 (2), 385-397.

- Sant'Anna, D.B. (2001). É possível realizar uma história do corpo? In Soares, C. (Org.), *Corpo e História*, (pp.3-23). Campinas: Autores Associados.
- Santos, M.M.R.R. (1998). Escolaridade e trabalho infantil: até onde as mulheres podem chegar? In Passos, E., Alves, I., & Macedo, M. (Orgs.), *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar* (pp.49-62). Salvador, UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher.
- Schoen-Ferreira, T.H., Aznar-Farias, M., & Silveiras, E.F.M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.
- Sena, T. (2004). Os estudos de gênero e Michel Foucault. In Lago, M.C.S., Grossi, M.P., Rocha, C.T.C., Garcia, O.R.Z., & Sena, T. (Orgs.), *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões* (pp.198-208). Florianópolis: Mulheres.
- Serra, G.M.A. (2001). *Saúde e nutrição na adolescência: o discurso sobre dietas na revista capricho*. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- Serra, G.M.A., & Santos, E.M. (2003). Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito [Versão eletrônica]. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(3), 691-701.
- Silva, S.A.P.S. (2006). *A pesquisa qualitativa em Educação Física*. Acesso em 26 de agosto de 2006, de <http://www.efmizambinho.org.br>.
- Simões, N.V.N. (1993). *A significação social do corpo provocada na relação educativa fisioterapeuta e pacientes acidentados no trabalho*. Dissertação de Mestrado. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- Soares, C. (2001). Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In Soares, C. (Org.), *Corpo e História* (pp.109-130). Campinas: Autores Associados.
- Spink, P. (2000). Análise de documentos de domínio público. In Spink, M.J.S (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp.123-151). São Paulo: Cortez.
- Spink, M.J.P., & Frezza, R.M. (2000). Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In Spink, M.J.S (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp.17-39). São Paulo: Cortez.
- Spink, M.J.P., & Medrado, B. (2000). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In Spink, M.J.S (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp.41-61). São Paulo: Cortez.

- Sprinthall, N.A., & Collins, W.A. (2003). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Coloustre Gulbenkian.
- Swain, T.N. (2001). Feminismo e recortes do tempo presente [Versão eletrônica]. *Revista São Paulo em Perspectiva*, 15(3), 67-81.
- Thompson, J. (1995a). *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes (trabalho original publicado em 1990).
- Thompson, J. (1995b). *The Media and Modernity: a social theory of the media*. Cambridge: Polity Press.
- Toscano, M. (1998). Um espaço para a mulher. In Jacobina, E., & Kühner, M.H.(Orgs.), *Feminino/Masculino no imaginário de diferentes épocas* (pp.95-113). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Traverso-Yépez, M., & Pinheiro, V.S. (2002). Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. *Psicologia & Sociedade*, 14(2), 133-147.
- Vasconcelos, V.N.P., & Vasconcelos, T.M.P. (1998). Evas e Marias em Serrolândia nos anos setenta. In Passos, E., Alves, I., & Macedo, M. (Orgs.), *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar* (pp.247-254). Salvador, UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher.
- Vasconcelos, N.A., Sudo, I., & Sudo, N. (2004). Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia [Versão eletrônica]. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(1), 65-93.
- Vieira, E.M.(2002). *A Medicalização do Corpo Feminino*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Weingartner, C. L., John, D., Bonamigo, L. D. R., & Goidanich, M. (1995) O Ficar e o Namorar Visto Pelos Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8 (2), 181-203.
- Wikipédia (2006). Definições de orkut na internet. Acesso em 29 de janeiro de 2006, de <http://www.google.com.br>.
- Willig, C. (2001). Foucauldian Discourse Analysis. In Willig, C (Org.), *Introduction qualitative research in psychology: adventures in theory and method*. Buckingham: Open University Press.
- Willig, C. (2003). Discourse analysis. In Smith, J.A (ed.), *Qualitative psychology: a practical guide to research methods*, (pp.159-183). Sage.